

1. ÉMILE DURKHEIM

A sociologia do século XIX é a “sociologia dos filósofos sistemáticos”. Ela é filha das esperanças ou dos temores suscitados pelo desenvolvimento da sociedade industrial, cujas características essenciais Saint-Simon intuía: organização racional, despersonalização funcional, interdependência das funções, planificação e divisão do trabalho, programação centralizada da produção.

Diante desse fato, Comte teoriza um sistema autoritário, Spencer um sistema sociológico em evolução, mas sob o signo de um individualismo radical; Proudhon vê na justiça a mola do progresso, e Marx, por seu turno, “prevê” uma justiça que se realizara por força de leis inexoráveis que, mudando a estrutura material, destruirão as atuais relações sociais injustas.



Com Durkheim (1855-1917), a sociologia “sistemática” entra em crise. Na opinião de Durkheim, a sociologia não é e não deve ser filosofia da história, que pretenda descobrir as leis gerais que guiam a marcha do “progresso” de toda a humanidade.

Ela também não é e não deve ser metafísica, que se julgue em condições de determinar a natureza da sociedade. E a sociologia não é nem psicologia nem filosofia.

Para Durkheim, a sociologia é uma ciência: uma ciência autônoma e diferente das outras ciências. Entretanto, para que a sociologia possa se qualificar como ciência autônoma, deve-se especificar tanto o “objeto” como as “regras do método”. E é isso que faz Durkheim em *As regras do método sociológico* (1895).

A **objetividade** e a identidade na análise da vida social foram questões fundamentais na sua proposição do método sociológico.

É a partir desse pensador que a Sociologia ganha um formato mais “técnico”, sabendo o que e como ela iria buscar na sociedade. Com métodos próprios, a Sociologia deixou de ser apenas uma ideia e ganhou “status” de ciência.

Durkheim presenciou algumas das mais importantes criações da sociedade moderna, como a invenção da eletricidade, do cinema, dos carros de passeio, entre outros. No seu tempo, havia um certo otimismo causado por essas invenções, mas Durkheim também percebia entraves nessa sociedade moderna: eram os problemas de ordem social.

E uma das primeiras coisas que ele fez foi propor regras de observação e de procedimentos de investigação que fizessem com que a Sociologia fosse capaz de estudar os acontecimentos sociais de maneira semelhante ao que faz a Biologia quando olha para uma célula, por exemplo.

Falando em Biologia nota-se que o seu objeto de estudo é a vida em toda a sua diversidade de manifestações. As pesquisas dos fenômenos da natureza feitas pela Biologia são resultantes de várias observações e experimentações, manipuláveis ou não.

Já para a Sociologia, manipular os acontecimentos sociais, ou repeti-los, é muito difícil. Por exemplo, como poderíamos reproduzir uma festa ou um movimento de greve “em laboratório” e sempre de igual modo? Seria impossível. Mas Durkheim acreditava que os acontecimentos sociais – como os crimes, os suicídios, a família, a escola, as leis – poderiam ser observados como coisas (objetos), pois assim, seria mais fácil de estudá-los. Então o que ele fez?

Propôs algumas das regras que identificam que tipo de fenômeno poderia ser estudado pela Sociologia. A esses fenômenos que poderiam ser estudados por uma ciência da sociedade ele denominou de fatos sociais.

Fato social

Assim, a teoria dos fatos sociais é o ponto de partida dos estudos de Durkheim. Eles são irreduzíveis à vida biológica e tem como base a sociedade.

Como tal, o “fato social” não se reduz ao fato psíquico do simples indivíduo, e isso torna-se evidente pela “coerção” que ele - o fato social - exerce sobre o indivíduo a partir do exterior, seja mediante sanções, seja mediante a resistência que ele opõe às tentativas individuais de modificação de uma instituição, crença ou uso.

Assim, existem os “fatos sociais”, objeto específico de pesquisa daquela ciência autônoma que é a sociologia, que, além disso, poderá se ocupar de duas grandes categorias de fatos: os fatos “normais” e os fatos “patológicos”.

Ainda em *As regras do método sociológico*, podemos ler: “Nós chamamos normais os fatos que apresentam as formas mais gerais, e daremos aos outros o nome de morbosos ou patológicos”. Naturalmente, “as formas mais gerais” só se dão em relação a determinada sociedade e em fase específica de seu desenvolvimento.

Desse modo, uma função preliminar da sociologia é a da classificação dos tipos de sociedade, o que é feito distinguindo as sociedades, com base em seu grau de complexidade, desde as hordas até as modernas sociedades complexas. Existem, portanto, os fatos sociais; estes podem ser distinguidos, sem que se os

avaliar, em fatos normais e fatos patológicos; a sociologia é a ciência que, considerando os fatos sociais “como coisas”, procura a causa determinante de um fato social entre os fatos sociais anteriores e não entre os fatos da consciência individual.

Desse modo, entendendo-os como “*maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotados de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem*”, podemos traçar três características que distinguem os fatos sociais:

A **coerção social** que é a força que os fatos sociais exercem sobre os indivíduos e que os levam a conformar-se às regras da sociedade em que vivem, independentemente de sua escolha ou vontade.

A **exterioridade** dos fatos sociais que existem e atuam sobre os indivíduos independentemente de sua vontade ou de sua adesão. As regras sociais, os costumes e as leis já existem antes dos indivíduos e independentemente deles.

A **generalidade** quer dizer que todo fato social é geral, pois se aplica a todos os indivíduos ou à maioria deles. Na generalidade encontra-se a natureza coletiva dos fatos sociais, seu estado comum ao grupo.

Entendendo a Sociedade (coesão social)

Durkheim queria compreender como ocorreu a transição das sociedades tradicionais para as modernas e analisou-as a partir de sua coesão, ou seja, o que mantinha unida as sociedades tradicionais que se perdeu, possibilitando a formação das sociedades modernas, e como essa coesão se manteve nessas sociedades?

A humanidade, para esse pensador, está em constante evolução, o que seria caracterizado pelo aumento dos papéis sociais ou funções. Por exemplo, para Durkheim, existem sociedades que organizam-se sob a forma de um tipo de solidariedade denominada mecânica e outras sociedades organizam-se sob a forma de solidariedade orgânica.

As sociedades organizadas sob a forma de **solidariedade mecânica** seriam aquelas nas quais existiriam poucos papéis sociais. Segundo Durkheim, nessas sociedades, os membros viveriam de maneira semelhante e, geralmente, ligados por crenças e sentimentos comuns, o que ele chama de **consciência coletiva**.

Neste tipo de sociedade existiria pouco espaço para individualidades, pois qualquer tentativa de atitude “individualista” seria percebida e corrigida pelos demais membros.

A organização de algumas aldeias indígenas poderia servir de exemplo de como se dá a solidariedade mecânica: grupos de pessoas vivendo e trabalhando semelhantemente, ligados por suas crenças e valores.

Nesses grupos, se alguém começasse a agir por conta própria, seria fácil perceber quem estaria “tumultuando” o modo de vida local. Outro exemplo que pode caracterizar a solidariedade mecânica são os



mutirões para colheita em regiões agrárias ou para reconstruir casas devastadas por vendavais e, ainda, são exemplos também as campanhas para coletar alimentos.

Diferentemente das sociedades organizadas em solidariedade mecânica, nas sociedades de **solidariedade orgânica** – típicas do mundo moderno - existem muitos papéis sociais. Pense na quantidade de tarefas que pode haver nas áreas urbanas, nas cidades: são muitas as funções e atividades.



Durkheim acreditava que mesmo com uma grande divisão e variedade de atividades, todas elas deveriam cooperar entre si. Por isso, deu o nome de orgânica (como se fosse um organismo).

Mas, nessas sociedades, diante da existência de inúmeros papéis sociais, diminui o grau de controle da sociedade sobre cada pessoa. A individualidade, sob menor controle, passa a ser uma porta para que a pessoa pretenda aumentar, ainda mais, o seu raio de ação ou de posições dentro da sociedade.

Uma das maiores expressões da anomia no mundo moderno, segundo Durkheim, seria esta: o egoísmo das pessoas. E a causa desta atitude seria a fragilidade das normas e controles sobre a

individualidade, normas e controles que nas sociedades de solidariedade mecânica funcionam com maior eficácia.

Qual seria, então, a solução para o mundo moderno, segundo Durkheim?

Já que ele compara a sociedade com um corpo, deve haver algo nela que não está cumprindo sua função e gerando a patologia (a anomia, a doença). O corpo precisa de diagnóstico e remédio.

Segundo ele, a Sociologia teria esse papel, ou seja, o de encontrar as “partes” da sociedade que estão produzindo fatos sociais patológicos e apontar para a solução do problema.

O suicídio

Durkheim utilizou sua teoria para explicar, por exemplo, o suicídio. O que aparentemente seria um ato individual, para ele, estava ligado com aquilo que ocorria na sociedade. Ele compreende a sociedade como um corpo organizado. Assim como a Biologia que compreende o corpo humano e todas suas partes em pleno funcionamento.

Durkheim entende a sociedade com suas partes em operação e cumprindo suas funções. E, caso a família, a igreja, o Estado, a escola, o trabalho, os partidos políticos, etc., que são elementos da sociedade com funções específicas, venham a falhar no cumprimento delas, surge no corpo da sociedade aquilo que Durkheim chamou de **anomia** (*a* = sem, *nomia* = normas / sem normas), ou seja, uma patologia. Assim, como no corpo humano, se algo não funcionar bem, em “ordem”, significa que está doente.

Para Durkheim, a sociedade age sobre o indivíduo. Cada grupo social tem uma inclinação para o suicídio, e desta derivam as inclinações individuais.

Trata-se das correntes de “egoísmo”, de “altruísmo” e de “anomia” que afligem a sociedade.

Suicídio Egoísta: é causado pela decepção, pela melancolia e pela sensação de desamparo moral, provocadas pela desintegração social. Atualmente, isso pode ser compreendido no mundo capitalista, cada vez mais individualista, em que as pessoas valorizam mais o “ter” do que o “ser”.

Se alguém se desvinculasse das instituições sociais (família, igreja, escola, partido político, etc.) por conta própria, para viver de maneira livre, sem regras, qual seria o limite para essa pessoa, uma vez que ninguém a controlaria?

Pois é, segundo Durkheim, a falta de redes de convívio ou limites para a ação poderia levar a pessoa a desejar ilimitadas coisas. Mas caso tal pessoa não consiga realizar os seus desejos, a frustração poderia levá-la a um suicídio.



Suicídio altruísta: ocorre quando um indivíduo valoriza a sociedade mais do que a ele mesmo, ou seja, os laços que o unem à sociedade são muito fortes.

Deixe-me lembrar você do ocorrido em 11 de Setembro de 2001. Homens, em atos aparentemente “loucos”, pilotavam aviões que se chocaram contra o World Trade Center em Nova York, lembra? Para Durkheim, os agentes dessa aparente “loucura” poderiam ser classificados como suicidas altruístas, pois se identificavam de tal forma como o grupo Al Qaeda, ao qual pertenciam, que se dispuseram a morrer por ele.

Da mesma maneira aconteceu com os kamikases japoneses durante a 2ª Guerra Mundial (1939-1945) e que, de certa forma, continua acontecendo com os “homens-bomba” de hoje.



Se você assistir ao filme “O Patriota”, com Mel Gibson, poderá ver um exemplo de alguém que se dispôs a morrer por uma causa que acreditava em relação ao seu país, no caso, os Estados Unidos da América.



Suicídio anônimo: é aquele que se deve a um estado de desregramento social no qual as normas estão ausentes ou perderam respeito.

Este tipo pode acontecer quando as partes do corpo social deixam de funcionar e as normas ou laços que poderiam “abraçar” (solidarizar) os indivíduos perdem sua eficácia, deixando-os viver de forma desregrada ou em crise.

Como exemplo, podemos citar como fatos que provocam a anomia: corrupção praticada por políticos e funcionários públicos, a frieza da sociedade moderna, bem como sua falta de diálogo coletivo, o divórcio, uma família abandona o filho, ou o idoso, ou o doente, etc.

Educação

Toda sociedade tem que educar os indivíduos com disciplina para que aprendam as regras necessárias à organização da vida social e sua hierarquia. As regras devem ser aprendidas, internalizadas e transformadas em hábitos de conduta.

Na visão dele, o currículo teológico, metafísico e literário ainda predominante nas escolas europeias de seu tempo deveria ser substituído por uma educação positivista para se alinhar ao espírito científico de seu tempo.

Dessa forma, cabe à educação, seja ela formal ou não, a importante tarefa da conformação dos indivíduos à sociedade em que vivem, devendo eles sempre observarem a obediência e a hierarquia.

QUESTÕES

1. (UEL 2011) De acordo com Susie Orbach, “Muitas coisas feitas em nome da saúde geram dificuldades pessoais e psicológicas. Olhar fotos de corpos que passaram por tratamento de imagem e achar que correspondem à realidade cria problema de auto-imagem, o que leva muitas mulheres às mesas de cirurgia. Na geração das minhas filhas, há garotas que gostam e outras que não gostam de seus corpos. Elas têm medo de comida e do que a comida pode fazer aos seus corpos. Essa é a nova norma, mas isso não é normal. Elas têm pânico de ter apetite e de atender aos seus desejos”.

(Adaptado: As mulheres estão famintas, mas têm medo da comida, Folha de S. Paulo, São Paulo, 15 ago. 2010, Saúde. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1508201001.htm>>.

Acesso em: 15 out. 2010).

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o pensamento de Émile Durkheim, é correto afirmar:

a) O conflito geracional produz anomia social, dada a incapacidade de os mais velhos compreenderem as aspirações dos mais novos.

b) Os padrões do que se considera saudável e belo são exemplos de fato social e, portanto, são suscetíveis de exercer coerção sobre o indivíduo.

c) Normas são prejudiciais ao desenvolvimento social por criarem parâmetros e regras que institucionalizam o agir dos indivíduos.

d) A consciência coletiva é mais forte entre os jovens, voltados que estão a princípios menos individualistas e egoístas.

e) A base para a formação de princípios morais e de solidez das instituições são os desejos individuais, visto estes traduzirem o que é melhor para a sociedade.

2. (UNICENTRO 2010) “Durkheim presenciou algumas das mais importantes criações da sociedade moderna, como a invenção da eletricidade, do cinema, dos carros de passeio, entre outros. No seu tempo, havia um certo otimismo causado por essas invenções, mas Durkheim também percebia entaves nessa sociedade moderna: eram os problemas de ordem social.”

(Sociologia / vários autores. – Curitiba: SEED-PR, 2006, p. 33).

Considerando a teoria sociológica elaborada por esse autor e seu estudo sobre a divisão do trabalho social, assinale qual alternativa está correta.

a) Para Durkheim a divisão do trabalho é antes de tudo um conceito que explica as desigualdades na moderna sociedade capitalista.

b) A divisão do trabalho social para Durkheim expressa a contradição existente entre as diferentes funções da sociedade como um todo.

c) Para Durkheim a divisão do trabalho social resulta das relações de cooperação entre as diferentes atividades sociais que integram a sociedade.

d) Para Durkheim a divisão do trabalho permite perceber como cada função social só se realiza na sua relação de conflito com uma outra função social.

e) Para Durkheim só podemos entender a divisão do trabalho social se buscamos entender como são regulamentadas as classes produtivas.

3. (UNICENTRO 2013) Sobre o conceito de Solidariedade mecânica de Émile Durkheim, assinale a alternativa correta.

A) É característica das sociedades ditas “primitivas” ou “arcaicas”, ou seja, em agrupamentos humanos de tipo tribal formado por clãs.

B) Nestas sociedades, os indivíduos que a integram não compartilham das mesmas noções e valores sociais tanto no que se refere às crenças religiosas como em relação aos interesses materiais necessários à subsistência do grupo.

C) A divisão econômica do trabalho social é mais desenvolvida e complexa e se expressa nas diferentes profissões e variedade das atividades industriais.

D) A coesão social não está assentada em crenças e valores sociais, religiosos, na tradição ou nos costumes compartilhados, mas nos códigos e regras de conduta que estabelecem direitos e deveres e se expressam em normas jurídicas: isto é, o Direito.

E) A crescente divisão social do trabalho faz aumentar também o grau de interdependência entre os indivíduos.

4. (UFU 2009) “Alegando ver ‘um conjunto de regras diabólicas’ e lembrando que ‘a desgraça humana começou por causa da mulher’, um juiz de Sete Lagoas (MG) considerou inconstitucional a Lei Maria da Penha e rejeitou pedidos de medidas contra homens que agrediram e ameaçaram suas companheiras.”

(Folha de S. Paulo, 21 de outubro de 2007).

O trecho supracitado refere-se à temática da violência contra a mulher. Tendo como referência a sociologia de Émile Durkheim e sua concepção de sociedade, podemos afirmar que a violência contra a mulher é:

A) um fenômeno de ordem sagrada, uma regra divina, como forma de punição à mulher face à sua culpa pela expulsão dos humanos do Jardim do Éden.

B) um fenômeno natural, originado nas diferenças biológicas entre homens e mulheres, as quais instituem a superioridade masculina e a fragilidade feminina.

C) um fenômeno moral, embasado em padrões socialmente estabelecidos, os quais regulam as relações sociais entre homens e mulheres.

D) consequência de um desequilíbrio emocional na personalidade masculina, o que requer tratamento individual com profissionais especializados.

5. (UFU 2009) Para Durkheim, o método científico sociológico exige que o pesquisador mantenha certa distância e neutralidade em relação aos fatos sociais. Considerando a afirmativa de Durkheim, assinale a alternativa correta sobre fato social.

A) Corresponde a um conjunto de normas e valores criados exteriormente, isto é, fora das consciências individuais.

B) Corresponde a um conjunto de normas e valores que são criados diretamente pelos indivíduos para orientar a vida em sociedade.

C) É desprovido de caráter coercitivo, uma vez que existe fora das consciências individuais.

D) É um fenômeno social difundido apenas nas sociedades cuja forma de solidariedade é orgânica.

6. (UFU 2010) Tivemos muitas vezes ocasião de afirmar que as regras da moral são normas elaboradas pela sociedade; o caráter obrigatório que as caracteriza não é mais do que a própria autoridade da sociedade comunicando-se a tudo que dela sai.

DURKHEIM, E. *O Dualismo da Natureza Humana e as Suas Condições Sociais*, p. 289.

A respeito das noções de sociedade e moralidade tais como concebidas por Émile Durkheim, assinale a alternativa correta.

A) Assim como os instintos e sensações humanas, a atividade moral resulta dos significados subjetivos que os indivíduos atribuem às relações sociais.

B) As regras morais não proporcionam coesão social nas sociedades complexas.

C) A sociedade consiste na soma das ações dos indivíduos tomadas coletivamente.

D) O caráter externo e coercitivo da moralidade decorre precisamente do fato de que ela é essencialmente coletiva e impessoal.

7. (UFU 2010) O sociólogo francês Emile Durkheim, considerado o fundador da Sociologia, cunhou o termo consciência coletiva.

Sobre esse conceito, é correto afirmar que:

A) a família, o trabalho, os sindicatos, a educação, a religião, o controle social e até a punição do crime são alguns mecanismos que criam e mantêm viva a integração e a partilha da consciência coletiva.

B) essa consciência implica uma solidariedade de tipo orgânica, caracterizada pela pouca divisão social do trabalho.

C) os processos de socialização e internalização individual não são responsáveis pela aquisição, por parte dos indivíduos, de valores, crenças e normas sociais que mantêm os grupos e as sociedades integrados.

D) implica uma solidariedade comum que molda as consciências individuais, sem exercer qualquer tipo de coerção social sobre elas.

8. (UFU 2011) De acordo com Durkheim, para se garantir a objetividade do método científico sociológico, torna-se necessário que o pesquisador mantenha certa distância e neutralidade em relação aos fatos sociais, os quais devem ser tratados como “coisas”.

Considerando a frase acima, assinale a alternativa correta sobre fato social.

A) Corresponde a um conjunto de normas e valores que são criados diretamente pelos indivíduos para orientar a vida em sociedade.

B) Corresponde a um conjunto de normas e valores criados exteriormente, isto é, fora das consciências individuais.

C) É desprovido de caráter coercitivo, uma vez que existe fora das consciências individuais.

D) É um fenômeno social difundido apenas nas sociedades cuja forma de solidariedade é orgânica.

9. (UFU 2011) Segundo Durkheim, o crime é um fato social presente em toda sociedade. Para o autor, nem todo crime é anômico, mas apenas aquele que corresponde a uma crise de coesão social.

A partir do exposto acima, assinale a alternativa correta sobre o significado de anomia social em Durkheim.

A) Ocorre quando há, nas sociedades modernas, com seus intensos processos de mudança, uma situação em que o conjunto de regras, valores e procedimentos são reconhecidos por todos os indivíduos, levando ao desenvolvimento da sociedade.

B) Conceito que descreve os sentimentos de falta de objetivos e de desespero provocados pelo processo de mudanças do mundo moderno, os quais resultam na perda da influência das normas sociais sobre o comportamento individual.

C) Conceito que descreve a ocorrência, nas sociedades modernas, com seus intensos processos de mudança, de um estado de complementaridade e interdependência entre os indivíduos, o que leva a uma menor divisão do trabalho social e ao fortalecimento das instituições sociais.

D) Ocorre quando os sentimentos de falta de objetivos e de desespero provocados pelo processo de mudanças do mundo moderno resultam no fortalecimento da coesão social e da influência das normas sociais sobre o comportamento individual.

10. (UFU 2011) De acordo com Durkheim, é correto afirmar que a consciência coletiva

A) forma o tipo psíquico da sociedade, com suas propriedades, suas condições de existência e seus modos de desenvolvimento.

B) tem por substrato um único órgão e depende das condições particulares em que se encontram os indivíduos.

C) desenlaça as gerações sucessivas, pois muda a cada geração e assemelha-se à consciência individual.

D) é o conjunto de crenças e sentimentos específicos a alguns membros de uma mesma sociedade, formando um sistema indeterminado e sem vida própria.

11. (UFU 2011) As ciências naturais influenciaram consideravelmente a emergência das ciências sociais que surgiram como uma tentativa de transformar em objeto de investigação rigorosa campos tradicionalmente ligados a disciplinas humanísticas, frequentemente consideradas impenetráveis ao rigor das ciências naturais.

Sobre a concepção de sociedade, do ponto de vista da Sociologia clássica, é correto afirmar que

A) para Durkheim, a sociedade é a mera soma das ações e dos interesses de seus membros individuais.

B) para Durkheim, o que mantém a sociedade coesa é a solidariedade social e moral, e esta é mantida quando os indivíduos são integrados em grupos sociais e regulados por uma gama de valores e costumes compartilhados.

C) para Weber, as estruturas existem externa e independentemente dos indivíduos e é desse modo que a sociedade deveria ser pensada.

D) para Marx, as ideias ou os valores que os seres humanos guardam são as principais fontes da mudança social. Sendo assim, a sociedade e seu progresso não são estimulados pelas influências econômicas.

12. (UFU 2013) Durkheim caracteriza o suicídio — até então considerado objeto de estudo da epidemiologia, da psicologia e da psiquiatria — como fato social e, por isso, dotado das características da coercitividade, da exterioridade, da generalidade. É tomado, pois, como objeto de estudo sociológico, em virtude do fato de

A) variar na razão inversa ao grau de integração dos grupos sociais de que faz parte o indivíduo, ou seja, quanto maior o grau de integração ao grupo social, mais elevada é a taxa de mortalidade-suicídio da sociedade.

B) ser possível observar uma certa predisposição social para fornecer determinado número de suicidas, ou seja, uma tendência constante, marcada pela permanência, a despeito de variações circunstanciais.

C) configurar-se como uma morte que resulta direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente de um ato executado pela própria vítima.

D) depender, exclusivamente, do temperamento do suicida, de seu caráter, de seu histórico familiar, de sua biografia, uma vez que não deixa de ser um ato do próprio indivíduo.

13. (UFU 2013) Os crescentes casos de violência que, recorrentemente, têm ocorrido em nível nacional e internacional, diuturna e diariamente noticiados pela imprensa, convidam a pensar em uma situação de patologia social. No entanto, para Durkheim, o crime, ainda que fato lastimável, é normal, desde que não atinja taxas exageradas. É normal, porque existe em todas as sociedades; para o sociólogo, o crime seria, inclusive, necessário, útil. Sem pretender fazer apologia do crime, compara-o à dor, que não é desejável, mas pertence à fisiologia natural e pode sinalizar a presença de moléstias a serem tratadas.

O crime seria, pois, para Durkheim, socialmente funcional, porque

A) exerce um papel regulador, contribuindo para a evolução do ordenamento jurídico e possível advento de uma nova moral.

B) é fator de edificação e fortalecimento da solidariedade orgânica, que se estabelece nas sociedades complexas.

C) legítima a ampliação do aparelho repressivo e classista do Estado burocrático nas sociedades baseadas no sistema capitalista.

D) contribuiu para o crescimento de seitas e de religiões, nas quais as pessoas em situação de risco buscam proteção.

14. (UFU 2014) Durkheim parte da proposição: ‘cada sociedade tem sua moral’; o que todo mundo pode admitir. De fato, a moral da sociedade romana difere concretamente da moral do Estado soviético ou do Estado liberal norte-americano.

É verdade que cada sociedade tem instituições, crenças ou práticas morais que lhe são próprias, e que caracterizam o tipo a que essas sociedades pertencem.

ARON, R. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 360-361.

São exemplos de instituições essenciais para a sociedade na concepção de Durkheim:

A) Família, escola e Estado.

B) Casamento, escola e classes sociais.

C) Família, solidariedade mecânica e justiça.

D) Política, solidariedade orgânica e classes sociais.

15. (UFU 2014) A interpretação da modernidade, de acordo com Émile Durkheim, é construída tendo em vista dois polos de sociedade que ele procura explicar a partir da solidariedade mecânica e da solidariedade orgânica. Tendo em vista a solidariedade orgânica, o autor aponta suas características, considerando formas distintas de organização social, laços de solidariedade e tipo de direito, marcadas, respectivamente, pela

A) divisão do trabalho social, por sociedades segmentadas e pelo direito repressivo.

B) divisão do trabalho social, por sociedades diferenciadas e pelo direito restitutivo.

C) consciência coletiva, pelas sociedades segmentadas e pelo direito repressivo.

D) consciência coletiva, pelas sociedades diferenciadas e pelo direito restitutivo.

16. (UFU 2015) A concepção da Sociologia de Durkheim se baseia em uma teoria do *fato social*. Seu objetivo é demonstrar que pode e deve existir uma Sociologia objetiva e científica, conforme o modelo das outras ciências, tendo por objeto o *fato social*.

ARON, R. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 336.

Em vista do exposto, assinale a alternativa correta.

A) Durkheim demonstrou que o fato social está desconectado dos padrões de comportamento culturais do indivíduo em sociedade, e portanto deve ser usado para explicar apenas alguns tipos de sociedade.

B) Segundo Durkheim, a primeira regra, e a mais fundamental, é considerar os fatos sociais como coisas para serem analisadas.

C) O estado normal da sociedade para Durkheim é o estado de anomia, quando todos os indivíduos exercem bem os fatos sociais.

D) A solidariedade orgânica, para Durkheim, possui pequena divisão do trabalho social, como pode ser demonstrada pela análise dos fatos sociais da sociedade.

17. (UEM 2011) Os fatos sociais são definidos por Émile Durkheim, um dos fundadores da Sociologia, como o objeto fundamental dessa ciência. Sobre esse conceito, assinale o que for **correto**.

01) Os fatos sociais são exteriores aos indivíduos, possuindo existência concreta que ultrapassa as vontades e pensamentos dos membros de uma sociedade, tomados isoladamente.

02) Os fatos sociais são coercitivos, portanto, exercem pressão sobre os indivíduos com o objetivo de submetê-los às suas determinações, normas e regras.

04) Os fatos sociais são anteriores aos membros das coletividades, pois já existem antes da chegada de cada um dos indivíduos e, provavelmente, continuarão a existir após as suas mortes.

08) A coerção exercida pelos fatos sociais é apenas de natureza física, ou seja, manifesta-se somente pela ameaça de castigos corporais ou pela privação da liberdade.

16) Os fatos sociais não se aplicam à totalidade dos membros de uma sociedade. Estão excluídos do seu alcance de sujeição e determinação os membros do grupo intelectual e economicamente dominante.

18. (UEM 2013) “O devoto, ao nascer, encontra as crenças e as práticas da vida religiosa; existindo antes dele, é porque existem fora dele. O sistema de sinais de que me sirvo para exprimir meus pensamentos, o sistema de moedas que emprego para pagar as dívidas, os instrumentos de crédito que utilizo nas minhas relações comerciais, as práticas seguidas na profissão etc. funcionam independentemente do uso que delas faço”

(DURKHEIM, E. *As regras do método*. São Paulo: Editora Nacional, 1974, p. 2).

Considerando a citação e a teoria sociológica de Durkheim, assinale o que for **correto**.

01) Conforme Durkheim, a Sociologia pode ser definida como uma ciência que estuda a gênese, a duração e o funcionamento dos comportamentos coletivos instituídos pela sociedade.

02) Segundo Durkheim, os “fatos sociais” são fenômenos coletivos que exercem sobre o indivíduo uma coerção exterior que influencia suas maneiras de agir, de pensar e de sentir.

04) Da perspectiva durkheimiana, os “fatos sociais” são fenômenos subjetivos ou psicológicos que dependem da vontade e do desejo individual das pessoas para que possam aparecer na sociedade.

08) De acordo com Durkheim, as “representações coletivas” constituem uma das expressões dos fatos sociais, pois compreendem os modos como a sociedade vê a si mesma e ao mundo que a envolve.

16) Para Durkheim, a educação escolar é um momento importante de socialização, no qual as novas gerações são levadas a internalizar regras, valores e maneiras de ser que são exigidas pela sociedade.

19. (UEM 2012) A constituição da Sociologia como ciência passou pelo desenvolvimento de uma metodologia própria, algo que Émile Durkheim procurou realizar em sua obra *As regras do método*. A partir desse autor, assinale o que for **correto**.

01) Partindo do pressuposto de que os fenômenos sociais são muito diferentes dos naturais, Durkheim defendeu a incorporação da subjetividade do cientista nos estudos sociológicos.

02) Durkheim defendia o abandono dos preconceitos e das prenoções, pois essas ideias preconcebidas poderiam nos conduzir a confusões na observação dos fenômenos.

04) Segundo Durkheim, as principais ferramentas metodológicas da Sociologia são a observação, a descrição, a comparação e a estatística.

08) Na concepção durkheimiana, a compreensão efetiva dos fenômenos sociais se dá pela identificação dos interesses e das motivações subjetivas dos atores sociais envolvidos.

16) Ao afirmar que o sociólogo deve encarar o fato social como *coisa*, Durkheim procurou defender a definição do objeto sociológico como algo externo ao pesquisador.

20. (UEM 2014) “É social toda maneira de agir, fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então, ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter.”

(DURKHEIM, É. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Editora Nacional, 1971, p. 11).

Considerando a citação e as ideias de Émile Durkheim, assinale o que for **correto**.

01) A sociedade deve ser estudada a partir da ação particular de um indivíduo.

02) Os sentimentos são pessoais; por isso, não devem ser estudados pela Sociologia.

04) Os fenômenos sociais representam a estrutura social que os produz.

08) Ao estudar os fatos sociais, deve-se afastar qualquer pré-noção sobre eles.

16) A ordem social se impõe sobre os indivíduos e não permite a sua contestação.

21. (UEM 2014) Ao estudar as estatísticas de suicídio do final do século XIX, Émile Durkheim propõe uma análise sociológica desse fenômeno enquanto fato social. Sobre esse assunto, assinale o que for **correto**:

01) Para Durkheim, os casos de suicídio indicam a existência de estados mentais de tormento e confusão que podem ser estudados pela Sociologia quando se analisa cada situação individualmente.

02) De acordo com Durkheim, quando se observa o suicídio em sua regularidade e em sua periodicidade é possível perceber que suas causas são sociais e, portanto, exteriores aos indivíduos.

04) Segundo Durkheim, o interesse da Sociologia na análise do suicídio não está nos motivos pessoais que levam alguém a praticar tal ato, mas no modo como a sociedade produz e se relaciona com tal fenômeno.

08) Durkheim observa que a anomia social – um estado gerado pela ausência de regras na sociedade – pode produzir nos indivíduos condições sociais que potencializam a prática do suicídio.

16) Conforme Durkheim, os fatos sociais podem ser tratados como coisas que ficam no inconsciente das pessoas e distorcem o senso subjetivo da realidade, levando até mesmo ao suicídio.

22. (UEL 2009) “Tribunais do crime” mataram ao menos 9 [...] Os ‘tribunais’ [do crime] são ‘julgamentos’ comandados por um presidiário do PCC que assume o papel de ‘juiz’ para determinar, por meio de um celular, a morte ou não de uma pessoa – seja ela ligada ou não ao PCC.

Escutas telefônicas mostram como funcionam os ‘tribunais do crime’:

Pessoa 1: Alô [...]

Pessoa 2: Então, é aquilo que eu falei lá! Se o cara quiser vir, pode arrancar esse moleque aí, pegar, matar, raspar e sair fora, que é para [ele] ficar esperto [...]. É essa a idéia: se quiser, é já para esticar o cerol [matar].

(Folha de São Paulo, 21 set. 2008. Caderno cotidiano, p. C-4.)

O texto retrata uma prática que tem se tornado comum em várias cidades brasileiras devido à existência de organizações criminosas ligadas, principalmente, ao tráfico de drogas.

De acordo com a perspectiva teórica de Émile Durkheim, o texto expressa

a) a importância de se constituírem, no interior da sociedade, novas formas de consciência coletiva que se

manifestem contrárias àquela dominante, reconhecida institucionalmente.

- b) que a harmonia social tem como um de seus pressupostos a eliminação física e brutal dos indivíduos com comportamento coletivo desviante, por instituições paralelas ao poder estatal.
- c) a importância de todos os setores da vida social possuírem estrutura institucional, pois, sendo a sociedade um grande organismo, inclusive o crime deve ser organizado.
- d) que os indivíduos são anteriores à sociedade, ou seja, podem agir de forma autônoma e, se assim for necessário, podem agir contrariamente às normas coletivas.
- e) aspectos de um quadro anômico, pois, embora certa taxa de crime seja normal em todas as sociedades, a prática assinalada indica a perda de vínculos sociais e morais básicos para a existência da coesão social.

23. (UEL 2008) De acordo com Florestan Fernandes: A concepção fundamental de ciência, de Emile Durkheim (1858-1917), é realista, no sentido de defender o princípio segundo o qual nenhuma ciência é possível sem definição de um objeto próprio e independente.

(FERNANDES, F. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1967. p. 73).

Assinale a alternativa que descreve o objeto próprio da Sociologia, segundo Emile Durkheim (1858-1917).

- a) O conflito de classe, base da divisão social e transformação do modo de produção.
- b) O fato social, exterior e coercitivo em relação à vontade dos indivíduos.
- c) A ação social que define as inter-relações compartilhadas de sentido entre os indivíduos.
- d) A sociedade, produto da vontade e da ação de indivíduos que agem independentes uns dos outros.
- e) A cultura, resultado das relações de produção e da divisão social do trabalho.

24. (UEL 2007) Segundo Émile Durkheim “[...] constitui uma lei da história que a solidariedade mecânica, a qual a princípio é quase única, perca terreno progressivamente e que a solidariedade orgânica, pouco a pouco, se torne preponderante”.

Fonte: DURKHEIM, É. *A Divisão Social do Trabalho*, In **Os Pensadores**. Tradução de Carlos A. B. de Moura. São Paulo: Abril Cultural, 1977, p. 67.

Por esta lei, segundo o autor, nas sociedades simples, organizadas em hordas e clãs, prevalece a solidariedade por semelhança, também chamada de solidariedade mecânica. Nas organizações sociais mais complexas, prevalece a solidariedade orgânica, que é aquela que resulta do aprofundamento da especialização profissional.

De acordo com a teoria de Durkheim, é correto afirmar que:

- a) As sociedades tendem a evoluir da solidariedade orgânica para a solidariedade mecânica, em função da multiplicação dos clãs.
- b) Na situação em que prevalece a solidariedade mecânica, as sociedades não evoluem para a solidariedade orgânica.
- c) As sociedades tendem a evoluir da solidariedade mecânica para a solidariedade orgânica, em função da intensificação da divisão do trabalho.
- d) Na situação em que prevalece a divisão social do trabalho, as sociedades não desenvolvem formas de solidariedade.
- e) Na situação em que prevalecem clãs e hordas, as sociedades não desenvolvem formas de solidariedade e, por isso, tendem a desaparecer progressivamente.

25. (UEL 2010) A aluna Geisy Villa Nova Arruda, 20, não poderá mais frequentar o prédio em que estudava antes do dia 22 de outubro, quando foi perseguida, encurralada, xingada e ameaçada por cerca de 700 alunos, no campus de São Bernardo (de uma Universidade particular), alegadamente por causa do microvestido que trajava.

(Adaptado de: *Folha de São Paulo*. (Universidade particular) decide “exilar” Geisy em outro prédio. Caderno cotidiano, C1, 11 nov. 2009.)

A matéria refere-se a recente episódio, de repercussão nacional na mídia e que teve como desfecho a readmissão da aluna à referida instituição, após o posicionamento da opinião pública.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o pensamento de Durkheim, é correto afirmar que o acontecimento citado revelou

- a) a consolidação de uma nova consciência coletiva, de bases amplas, representada pelos alunos da referida instituição.
- b) o desprezo da consciência coletiva dominante na sociedade em relação aos destinos individuais, no caso, à aluna que foi alvo dos ataques dos estudantes.
- c) a força da consciência coletiva da sociedade que se impôs aos comportamentos morais desviantes com a finalidade de resgatar a harmonia social, preservando as instituições.
- d) a presença de um quadro de profunda anomia social e o quanto os valores sociais de decência foram perdidos pela consciência coletiva que se posicionou favoravelmente à estudante.
- e) o perigo representado pela presença de uma consciência coletiva forte e majoritária atuando como obstáculo para o desenvolvimento da vida social sadia ao

impedir que alguns indivíduos defendessem os melhores valores morais.

2. MAX WEBER



Max Weber (1864-1920) nasceu em Erfurt. Por meio do pai, que foi deputado do Partido Nacional Liberal, Weber teve oportunidade de entrar bem cedo em contato com ilustres historiadores, filósofos e juristas da época.

Estudou história, economia e direito nas universidades de Heidelberg e Berlim.

Em 1894 tornou-se professor de economia política na Universidade de Friburgo. Em 1896 passou a ensinar em Heidelberg. De 1897 a 1903 sua atividade científica e didática ficou bloqueada por causa de grave doença nervosa. Em 1904 realizou uma viagem aos Estados Unidos.

Durante a Primeira Guerra Mundial, defendeu as “razões ideais” da “guerra alemã” e prestou serviço como diretor de um hospital militar. Acompanhou com preocupação angustiada a ruína moral e cultural da Alemanha, jogada pelo imperador e por seus ministros no beco sem saída da pura política de poder. Depois da guerra participou da redação da Constituição da República de Weimar. Morreu em Munique, para onde fora chamado, a fim de ensinar economia política, em 14 de junho de 1920.

A obra de Max Weber, complexa e profunda, constitui um monumento da compreensão dos fenômenos históricos e sociais e, ao mesmo tempo, da reflexão sobre o método das ciências histórico-sociais. Os trabalhos de Weber podem ser classificados em quatro grupos:

1) Estudos históricos:

- a) Sobre as sociedades mercantis da Idade Média (1889);
- b) História agrária romana em seu significado para o direito público e privado (1891);
- c) As condições dos camponeses na Alemanha oriental do Elba (1892):

2) Estudos de sociologia da religião:

- a) A ética protestante e o espírito do capitalismo (1904-1905);
- b) Escritos de sociologia da religião (3 vols., 1920-1921).

3) Tratado de sociologia geral: Economia e sociedade (1922).

4) Escritos de metodologia das ciências histórico-sociais:

- a) A “objetividade” cognoscitiva da ciência social e da política social (1904);
- b) Estudos críticos acerca da lógica das ciências sociais (1906);
- c) O trabalho intelectual como profissão (1919).

Historiador, sociólogo, economista e político, Weber trata dos problemas metodológicos com a consciência das dificuldades que emergem do trabalho efetivo do historiador e do sociólogo, mas principalmente com a competência do historiador, do sociólogo e do economista.

Ao contrário de Durkheim e Comte, Weber acreditou na possibilidade da interpretação da sociedade partindo não dos fatos sociais já consolidados e suas características externas (leis, instituições, normas, regras, etc).

Propôs começar pelo indivíduo que nela vive, ou melhor, pela verificação das “intenções”, “motivações”, “valores” e “expectativas” que orientam as ações do indivíduo na sociedade.

Ação Social

Sua proposta é a de que os indivíduos podem conviver, relacionar-se e até mesmo constituir juntos algumas instituições (como a família, a igreja, a justiça), exatamente porque quando agem eles o fazem partilhando, comungando uma pauta bem parecida de valores, motivações e expectativas quanto aos objetivos e resultados de suas ações. E mais, seriam as ações recíprocas (repetidas e “combinadas”) dos indivíduos que permitiriam a constituição daquelas formas duráveis (Estado, Igreja, casamento, etc.) de organização social.

Weber desenvolve a teoria da **Sociologia Compreensiva**, ou seja, uma teoria que vai entender a sociedade a partir da compreensão dos ‘motivos’ visados subjetivamente pelas ações dos indivíduos.

Uma crítica de Weber aos positivistas, entre os quais se encontrariam Comte e Durkheim, deve-se ao fato de que eles pretendiam fazer da Sociologia uma ciência positiva, isto é, baseada nos mesmos métodos de investigação das ciências naturais.

Para Weber, a **pesquisa histórica** é essencial para a compreensão das sociedades. É a pesquisa baseada em fontes documentais e no esforço de interpretá-las que permite a compreensão das diferenças sociais. O conhecimento histórico é um poderoso instrumento para

a sociologia. Por isso os seguidores de Weber são chamados de weberianos ou historicistas.

Segundo Weber, as ciências naturais (biologia, física, por exemplo) conseguiriam explicar aquilo que estudam (a natureza) em termos de descobrir e revelar relações causais diretas e exclusivas, que permitiriam a formulação de leis de funcionamento de seus eventos, como as leis químicas e físicas que explicam o fenômeno da chuva. Mas a ciência social não poderia fazer exatamente o mesmo.

Para esse pensador, não haveria como garantir que uma ação ou fenômeno social ocorrerá sempre de determinada forma, como resposta direta a esta ou aquela causa exclusiva. No caso das Ciências Humanas, isso ocorre porque o ser humano possui “subjetividade”, que aparece na sua ação na forma de valores, motivações, intenções, interesses e expectativas.

Embora esses elementos que compõem a subjetividade humana sejam produtos culturais, quer dizer, produtos comuns acolhidos e assumidos coletivamente pelos membros da sociedade, ou do grupo, ainda assim se vê que os indivíduos vivenciam esses valores, motivações e expectativas de modos particulares.

Às vezes com aceitação e reprodução dos valores e normas propostas pela cultura comum do grupo; outras vezes, com questionamentos e reelaboração dessas indicações e até rejeição das mesmas.

Decorre dessa característica (de certa autonomia, criatividade e inventividade do ser humano diante das obrigações e constrangimentos da sociedade) a dificuldade de se definir leis de funcionamento da ação social que sejam definitivas e precisas.

Por isso, o que a Sociologia poderia fazer, seria desenvolver procedimentos de investigação que permitissem verificar que conjunto de “motivações”, valores e expectativas compartilhadas, estaria orientando a ação dos indivíduos envolvidos no fenômeno que se quer compreender, como uma eleição, por exemplo.

Seria possível sim, prever, com algum acerto, como as pessoas votarão numa eleição, pesquisando sua “subjetividade”, ou seja, levantando qual é, naquela ocasião dada, o conjunto de valores, motivações, intenções e expectativas compartilhadas pelo grupo de eleitores em foco, e que servirão para orientar sua escolha eleitoral.

Esses pressupostos estão por detrás das conhecidas “pesquisas de intenção de voto”, bastante frequentes em vésperas de eleições.

Na investigação da ação social um instrumento muito eficaz e útil para o cientista social é o **tipo ideal**, que, segundo Weber, seria uma construção teórica a partir dos casos particulares analisados. Ou seja, reúne-se as características mais comuns do fenômeno ou ação social

para formar um modelo/conceito que se aproxime ao máximo de todos os casos que venham a ser estudados no futuro.

A teoria do tipo ideal

Na opinião de Weber, com frequência a linguagem do historiador ou do sociólogo, diferentemente da linguagem das ciências naturais, funciona mais por sugestão do que por exatidão. E precisamente com o objetivo de dar rigor suficiente a toda uma gama de conceitos utilizados nas investigações histórico-sociais, Weber propôs a teoria do “tipo ideal”.

Escreve ele: “O tipo ideal obtém-se pela acentuação unilateral de um ou de alguns pontos de vista pela conexão de certa quantidade de fenômenos difusos e discretos, existentes aqui em maior e em menor medida, por vezes até ausentes, correspondentes àqueles pontos de vista unilateralmente evidenciados, em um quadro conceitual em si unitário. Em sua pureza conceitual, esse quadro nunca poderá ser encontrado empiricamente na realidade; ele é uma utopia, e ao trabalho histórico se apresenta a tarefa de verificar, em cada caso individual, a maior ou menor distância da realidade daquele quadro ideal, estabelecendo, por exemplo, em que medida o caráter econômico das relações de determinada cidade pode ser qualificado conceitualmente como próprio da economia urbana”.

Pode-se ver, portanto, que o “tipo ideal” é instrumento metodológico ou, se assim se preferir, expediente heurístico ou de pesquisa. Com ele, construímos um quadro ideal (por exemplo, de cristianismo, de economia urbana, de capitalismo, de Igreja, de seita etc.), para depois com ele medir ou comparar a realidade efetiva, controlando a aproximação ou o desvio em relação ao modelo.

Brevemente, pode-se dizer que:

- 1) a tipicidade ideal não se identifica com a realidade autêntica, não a reflete nem a expressa;
- 2) ao contrário, em sua “idealidade”, a tipicidade ideal afasta-se da realidade efetiva para afirmar melhor seus vários aspectos;
- 3) a tipicidade ideal não deve ser confundida com a avaliação ou com o valor, “este filho da dor de nossa disciplina”;
- 4) o tipo ideal, repetindo, pretende ser instrumento metodológico ou instrumento heurístico: os conceitos ideais-típicos são uniformidades limites.

Segundo essa ideia, Weber definiu quatro tipos ideais de ação social, pois ele considerava que as pessoas podem atuar, em geral, mesclando quatro **tipos básicos de ação social**. São eles:

1) A **ação racional com relação a fins**: age para obter um fim objetivo previamente definido. E para tanto, seleciona e faz uso dos meios necessários e mais adequados do ponto de vista da avaliação. O que se destaca, aqui, é o esforço em adequar, racionalmente, os fins e os meios de atingir o objetivo. Na ação de um político, por exemplo, podemos ver um foco: o de obter o cargo com o poder que deseja a fim de...Bom. Aí depende do político.

2) A **ação racional com relação a valores**, ocorreria porque, muitas vezes, os fins últimos de ação respondem a convicções, ao apego fiel a certos valores (honra, justiça, honestidade...).

Neste tipo, o sentido da ação está inscrito na própria conduta, nos valores que a motivaram e não na busca de algum resultado previa e racionalmente proposto.

Por esse tipo de ação podemos pensar as religiões. Ninguém vai a uma igreja ou pertence a determinada religião, de livre vontade, se não acredita nos valores que lá são pregados. Certo?

3) Na **ação afetiva** a pessoa age pelo afeto que possui por alguém ou algo. Uma serenata pode ser vista como uma ação afetiva para quem ama, não é mesmo?

4) A **ação social tradicional** é um tipo de ação que nos leva a pensar na existência de um costume. O ato de tomar chimarrão ou pedir a benção dos pais na hora de dormir são ações que podem ser pensadas pela ação tradicional.

Entendendo a Sociedade

Agora podemos assimilar melhor que a ideia de Weber para se entender a sociedade é a seguinte: se quisermos compreender a instituição igreja, por exemplo, vamos ter que olhar os indivíduos que a compõem e suas ações.

Provavelmente haverá um grupo significativo de pessoas que agem do mesmo modo, quer dizer, partilhando valores, desejos e expectativas quanto à religião, o que resultaria no que Weber chama de **relação social**.

A existência da relação social dos indivíduos, ou seja, uma combinação de ações que se orientam para objetivos parecidos, é que faz compreender o “porquê” da existência do todo, como neste próprio exemplo da igreja. É assim que, as normas, as leis e as instituições são formas de relações sociais duráveis e consolidadas.

Os tipos de ação, para Weber, sempre serão construções do pensamento, isto é, suposições teóricas baseadas no conhecimento acumulado, que o sociólogo fará para se aproximar ao máximo daquilo que seria a ação

real do indivíduo nas circunstâncias ou no grupo em que vive.

Com esse instrumento, o sociólogo pode avaliar, na análise de um fenômeno, o que se repete, com que intensidade, e o que é novo ou singular, comparando-o com outros casos parecidos, já conhecidos e resumido numa tipologia.

Por exemplo, se há alguém apaixonado que você conheça, qual seria o tipo ideal de ação desta pessoa? A afetiva! Assim sendo, seria “fácil” prever quais seriam as possíveis atitudes desta pessoa: mandar flores e presentes, querer que a hora passe logo para estar com ela(e), sonhar acordado e coisas do tipo. E assim poderíamos entender, em parte, como se forma a instituição família. Uma coisa liga a outra.

Outro exemplo. Pode ser que alguém perto de você nem pense em querer se apaixonar para não atrapalhar os estudos. Sua meta é a universidade e uma ótima profissão. Então, o que temos aqui? Uma ação racional! Para esta pessoa nem adiantaria mandar flores, certo? O que não significa que não possamos tentar, não é mesmo?

A questão da referência aos valores

Para Weber temos uma “só” ciência porque é “único” o critério de cientificidade das diversas ciências: tanto nas ciências naturais como nas ciências histórico-sociais, temos conhecimento científico quando conseguimos produzir explicações causais.

Entretanto, não é difícil ver que toda explicação causal é somente uma visão fragmentária e parcial da realidade investigada (por exemplo, as causas econômicas da Primeira Guerra Mundial). E como, além disso, a realidade é infinita, tanto extensiva como intensivamente, é obvio que a regressão causal deveria ir até o infinito: para o conhecimento exaustivo do objeto, os efeitos seriam estabelecidos “desde a eternidade”.

Todavia, nós nos contentamos com certos aspectos do devir, estudamos fenômenos precisos e não todos os fenômenos, em suma realizamos uma seleção, tanto dos fenômenos a estudar como dos pontos de vista a partir dos quais os estudamos e, conseqüentemente, das causas de tais fenômenos. Não pode haver dúvidas sobre tudo isso.

Mas como se realiza, ou melhor, como funciona essa seleção? Tendo como referência os valores. E aqui é preciso que nos entendamos com muita clareza. Antes de mais nada, a referência aos valores não tem nada a ver com o juízo de valor ou com a apreciação de natureza ética.

Weber é explícito: o juízo que glorifica ou condena, que aprova ou desaprova, não tem lugar na ciência, precisamente pela razão de que ele é subjetivo.

Por outro lado, a referência aos valores, em Weber, não tem nada a dividir com um sistema objetivo e universal qualquer de valores, um sistema em condições de expressar uma hierarquia de valores unívoca, definitiva e válida. Dilthey já constataria a moderna “anarquia de valores”; e Weber aceita esse relativismo.

A referência aos valores, portanto, não equivale a pronunciar juízos de valor (“isto é bom”, “aquilo é justo”, “isto é sagrado”), nem implica o reconhecimento de valores absolutos e incondicionais. Então, o que pretende Weber quando questiona a “referência aos valores”?

Para sermos breves, devemos dizer que a referência aos valores é um princípio de escolha; ele serve para estabelecer quais os problemas e os aspectos dos fenômenos, isto é, o campo de pesquisa no qual posteriormente a investigação se realizará de modo cientificamente objetivo, tendo em vista a explicação causal dos fenômenos.

A realidade é ilimitada, aliás, infinita, e o sociólogo e o historiador só acham interessantes certos fenômenos e aspectos desses fenômenos. E estes são interessantes não por uma qualidade intrínseca deles, mas apenas em referência aos valores do pesquisador.

Segue-se daí que ao historiador cabe exclusivamente a explicação de elementos e aspectos do acontecimento enquadrável em determinado ponto de vista (ou teoria). E os pontos de vista não são dados de uma vez por todas: a variação dos valores condiciona a variação dos pontos de vista, suscita novos problemas, propõe considerações inéditas, descobre novos aspectos. É o feixe do maior número de pontos de vista definidos e comprovados que nos permite ter a ideia mais exata possível de um problema.

Tudo isso, mais uma vez, mostra o absurdo da pretensão de que as ciências da cultura poderiam e deveriam elaborar um sistema fechado de conceitos definitivos.

O peso das diferentes causas na realização dos eventos

A pesquisa histórica é individualizante, isto é, diz respeito as individualidades históricas (a política agrária romana, o direito comercial na Idade Média, o nascimento do capitalismo, as condições dos camponeses na Alemanha oriental do Elba etc.). O historiador quer descrever e dar conta dessas individualidades. Mas dar conta delas significa explicá-las. E, para explicá-las, necessita-se de conceitos e de regularidades gerais pertencentes às ciências monológicas. Entre elas, vistas como instrumentos de explicação histórica, Weber considerou especialmente a sociologia. Em outros termos, para explicar os fatos históricos precisa-se de leis,

que o historiador vai buscar principalmente na sociologia, que descobre “conexões e regularidades” nos comportamentos humanos.

Deve-se notar, porém, que, quando o historiador explica um fato, geralmente o faz referindo-se a uma constelação de causas.

Mas, a seus olhos, nem todas as causas tem igual peso. Eis, portanto, a questão: **como pode o historiador determinar o peso de uma causa na ocorrência de um acontecimento?**

Para bem compreender a questão, Weber se remete a algumas opiniões do historiador Eduard Meyer, para quem o desencadeamento da segunda guerra púnica foi consequência de uma decisão voluntária de Aníbal, assim como a explosão da Guerra dos Sete Anos ou da guerra de 1866 foram, respectivamente, consequências de uma decisão de Frederico, o Grande, e de Bismarck.

Meyer também afirmara que a batalha de Maratona foi de grande importância histórica para a sobrevivência da cultura grega e, por outro lado, que os fuzilamentos que, na noite de março de 1848, deram início a revolução em Berlim não foram determinantes, pelo fato de que, dada a situação na capital prussiana, *qualquer* incidente teria podido fazer explodir a luta.

Opiniões desse tipo atribuem a certas causas importância maior que a outras. E essa desigualdade de significado entre os vários antecedentes do fenômeno pode ser detectada, diz Weber, já que, com base nos conhecimentos e nas fontes a disposição, o historiador constrói ou imagina um desenvolvimento possível, excluindo uma causa para determinar seu peso e sua importância no devir efetivo da história. Assim, em relação aos exemplos anteriores, o historiador se propõe, pelo menos implicitamente, a pergunta: o que teria acontecido se os persas houvessem vencido, se Bismarck não houvesse tomado aquela decisão e se não houvesse ocorrido o fuzilamento em Berlim?

O historiador isola mentalmente uma causa (por exemplo, a vitória de Maratona ou o fuzilamento nas ruas de Berlim), excluindo-a da constelação de antecedentes, para depois se perguntar se, sem ela, o curso dos acontecimentos teria sido igual ou diferente.

Desse modo, constroem-se possibilidades objetivas, isto é, opiniões (baseadas no saber a disposição) sobre como as coisas podiam ocorrer, para se compreender melhor como elas ocorreram. Prosseguindo no exemplo, se os persas houvessem vencido, então é verossímil (ainda que não necessário, pois Weber não é determinista) que eles houvessem imposto na Grécia, como fizeram em toda parte onde venceram, uma cultura teocrático-religiosa baseada nos mistérios e nos oráculos. Esta é uma possibilidade objetiva e não gratuita, para que compreendamos que a

vitória de Maratona é causa muito importante para o desenvolvimento posterior da Grécia e da Europa. Já os fuzilamentos diante do castelo de Berlim, em 1848, pertencem à ordem das causas acidentais, pelo fato de que a revolução teria explodido de qualquer forma.

A polêmica sobre a “não-avaliabilidade”

Weber distingue claramente entre conhecer e avaliar, entre juízos de fato e juízos de valor, entre “o que é” e “o que deve ser”.

Para ele a ciência social é não-valorativa, no sentido de que procura a verdade, ou seja, procura apurar como ocorreram os fatos e por que ocorreram assim e não diferentemente.

A ciência explica, não avalia. Dentro do trabalho de Weber, tal tomada de posição tem dois significados:

a) um, epistemológico, consiste na defesa da liberdade da ciência em relação a avaliações ético-político-religiosas (uma teoria científica não é católica nem protestante, não é liberal nem marxista);

b) o outro significado, ético-pedagógico, consiste na defesa da ciência em relação às deformações demagógicas dos chamados “socialistas de cátedra”, que subordinavam o valor da verdade a valores ético-políticos, isto é, subordinam a cátedra a ideais políticos.

Com base nisso, é oportuno fixar em alguns breves pontos as considerações de Weber sobre a questão da avaliabilidade:

1) O professor deve ter claro quando faz ciência e, ao contrário, quando faz política.

2) Se o professor, durante uma aula, não pudesse se abster de produzir avaliações, então deveria ter a coragem e a probidade de indicar aos alunos aquilo que é puro raciocínio lógico ou explicação empírica, e aquilo que se refere a apreços pessoais e convicções subjetivas.

3) O professor não deve aproveitar de sua posição de professor para fazer propaganda de seus valores; os deveres do professor são dois:

a) de ser cientista e de ensinar os outros a se tornarem também;

b) de ter a coragem de pôr em discussão seus valores pessoais e de pô-los em discussão no ponto em que se pode efetivamente discuti-los, e não onde se pode facilmente contrabandear-los.

4) A ciência é distinta dos valores, mas não está separada deles: uma vez fixado o objetivo, a ciência pode nos dar os meios mais apropriados para alcançá-lo, pode prever quais serão as consequências prováveis do empreendimento, pode nos dizer qual é ou será o “custo” da realização do fim a que nos propomos, pode nos mostrar que, dada uma situação de fato, certos fins são irrealizáveis ou momentaneamente irrealizáveis, e pode

nos dizer também que o fim desejado choca-se com outros valores.

Em todo caso, a ciência nunca nos dirá o que devemos fazer, e como devemos viver. Se propusermos essas interrogações à ciência, nunca teremos resposta, porque teremos batido a porta errada. Cada um de nós deve buscar a resposta em si mesmo, seguindo sua inspiração ou sua fraqueza. O médico pode até nos curar, mas, enquanto médico, não está em condições de estabelecer se vale ou não vale a pena viver.

Sistema capitalista e mundo moderno

Uma contribuição relevante de Weber, neste caso, que se encontra em seu livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, é demonstrar que a montagem do modo de produção capitalista, no ocidente europeu, principalmente, contou com a existência, em alguns países, de uma ‘pauta’ de valores de fundo religioso que ajudou a criar entre certos indivíduos, predisposições morais e motivações para se envolverem na produção e no comércio de tipo capitalista.

Weber chamou a atenção para a relação entre uma ética que valorizava o trabalho árduo e o espírito de poupança, a ética calvinista, ou puritana – um ramo da religião protestante -, e o espírito racional da burguesia dos séculos XVI e XVII.

Weber está persuadido de que o capitalismo moderno deve sua força propulsora à ética calvinista. A concepção calvinista em questão é a que se pode encontrar no texto da *Confissão de Westminster* de 1647, resumida por Weber nos cinco pontos seguintes:

1) existe um Deus absoluto e transcendente, que criou o mundo e o governa, mas que o espírito finito dos homens não pode captar;

2) esse Deus, onipotente e misterioso, predestinou cada um de nós a salvação ou à danação, sem que, com nossas obras, possamos modificar um decreto divino já estabelecido;

3) Deus criou o mundo para sua glória;

4) esteja destinado à salvação ou à danação o homem tem o dever de trabalhar para a glória de Deus e criar o reino de Deus sobre esta terra;

5) as coisas terrenas, a natureza humana, a carne, pertencem ao mundo do pecado e da morte: a salvação para o homem é tão-somente um dom totalmente gratuito da graça divina.

Esses diferentes elementos podem-se encontrar dispersos em outras concepções religiosas, mas a combinação de tais elementos, precisa Weber, é original e única, com consequências verdadeiramente de grande importância. Antes de mais nada, encontra aqui sua conclusão: aquele grande processo histórico-religioso de

eliminação do elemento mágico do mundo, processo que se iniciou com as profecias judaicas e prosseguiu com o pensamento grego. Não há comunicação entre o espírito finito e o espírito infinito de Deus. Em segundo lugar, a ética calvinista está ligada a uma concepção anti-ritualista que leva a consciência ao reconhecimento de uma ordem natural, que a ciência pode e deve explorar.

Além disso, há o problema da predestinação. Os calvinistas viram no sucesso mundano na própria profissão o sinal da certeza da salvação. Em substância, as seitas calvinistas acabaram por encontrar no sucesso temporal, sobretudo no sucesso econômico, a prova da eleição divina. Em outros termos, o indivíduo é impelido a trabalhar para superar a angústia em que é mantido pela incerteza de sua salvação.



Há mais, porém: a ética protestante ordena ao crente desconfiar dos bens deste mundo e praticar conduta ascética. A essa altura, está claro que trabalhar racionalmente em função do lucro e não gastar o lucro, mas reinvesti-lo continuamente, constitui comportamento inteiramente necessário ao desenvolvimento do capitalismo.

Para Weber, ser capitalista é sinônimo de ser disciplinado no que se faz. Seria da grande dedicação ao trabalho que resultaria o sucesso e o enriquecimento. Herança da ética protestante, válida também para os trabalhadores.

Mas por que os católicos e as outras religiões orientais não tiveram parte nesta construção capitalista analisada por Weber? Porque a ética católica privilegiava o discurso da pobreza, reprovando a pura busca do lucro e da usura e não viam o sucesso no trabalho como indícios de salvação e nem como forma de glorificar a Deus, como faziam os calvinistas. Assim sendo, sem motivos divinos para dedicarem-se tanto ao trabalho, não fizeram parte da lista weberiana dos primeiros capitalistas.

Quanto às religiões do mundo oriental, a explicação seria de que essas tinham uma imagem de Deus como sendo parte do mundo secular, ao contrário da ética protestante ocidental que o concebia como

estando fora do mundo e puro. Assim sendo, os orientais valorizavam o mundo, pois Deus estaria nele. O Budismo e o Confucionismo são exemplos do que falamos. E daí a ideia e a prática de não se viver apenas para o trabalho, mas sim de poder aproveitar tudo o que se ganha pelo trabalho com as coisas desta vida.

O desencantamento do mundo

Em relação ao mundo moderno (científico), Weber demonstrava um certo pessimismo e não encontrava saída para os problemas culturais que nele surgiam, assim como para a “prisão” na qual o homem se encontrava por causa do sistema capitalista.

Antes da sociedade moderna, a religião era o que motivava a vida das pessoas e dava sentido para suas ações, inclusive ao trabalho. Mas com o pensamento científico tomando espaço como referencial de mundo, certos apegos culturais – crenças, formas de agir – vindos da religiosidade foram confrontados. O problema que Weber via era que a ciência não poderia ocupar por completo o lugar que a religião tinha ao dar sentido ao mundo.

Se, em contextos históricos anteriores, o trabalho poderia ser motivado pela religião, como foi explicado anteriormente, e agora não é mais, devido à racionalização do mundo, por que, então, o homem se prende tanto ao trabalho? Porque o sistema capitalista – da produção industrial em série e da exploração da mão-de-obra – deixou o homem ocidental sem uma “válvula de escape”. Preso, agora ele vive **do e para** o trabalho.



Tanto em seu grande tratado *Economia e sociedade* como nos *Escritos de sociologia da religião*, Weber estudou a importância social das formas religiosas de vida. O ponto de partida da história religiosa da humanidade é um mundo repleto de sagrado e, em nossa época, o ponto de chegada é aquilo que Weber chama de *desencanto do mundo*: “A ciência nos faz ver na realidade externa unicamente forças cegas, que podemos dispor a nosso serviço, mas não pode fazer sobreviver nada dos mitos e da divindade

com que o pensamento dos primitivos povoava o universo. Nesse mundo desprovido de encantos, as sociedades humanas evoluem para uma organização mais racional e sempre mais burocrática”.

No escrito *A ciência como profissão*, depois de afirmar que ser superados no plano científico é não somente nosso destino, de todos nós, mas também nosso escopo, Max Weber se propõe o *problema do significado da ciência*.

Trata-se do problema do significado de uma atividade que não alcança e jamais poderá alcançar seu fim. Em todo caso, para Weber o progresso científico é uma fração, sem dúvida a mais importante, daquele processo de intelectualização ao qual estamos sujeitos há séculos.

O significado profundo dessa intelectualização e racionalização progressivas, segundo Weber, está “na consciência ou na fé de que basta *querer* para *poder*; em princípio, qualquer coisa pode ser dominada pela razão. O que significa o desencantamento do mundo. Não é preciso mais recorrer à magia para dominar ou para obter as graças dos espíritos, como faz o selvagem para quem tais potências existem. Isso é suprido pela razão e pelos meios técnicos. E sobretudo esse o significado da intelectualização como tal”.

Todavia, admitido esse desencantamento do mundo, Weber então se pergunta qual será o significado da “ciência como vocação”, e escreve que a resposta mais simples a essa interpretação é oferecida por Tolstoi: a ciência “é absurda, porque não responde a única pergunta importante para nós: o que devemos fazer, como devemos viver?”

Além de pressupor a validade das normas da lógica e do método, a ciência também deve pressupor que “o resultado do trabalho científico é importante no sentido de ser ‘digno de ser conhecido’”.

Mas é evidente que, por seu turno, “esse pressuposto não pode ser demonstrado com os meios da ciência” e “menos ainda se pode demonstrar se o mundo por elas (as ciências) descrito é digno de existir: se tenha um ‘significado’, ou se haja sentido existir nele”. Com isso as ciências naturais “não se preocupam”.

Apenas para exemplificar, a “ciência médica não se propõe a questão se, e quando, a vida vale a pena ser vivida. Todas as ciências naturais dão resposta a esta pergunta: o que devemos fazer se quisermos dominar *tecnicamente* a vida? Mas se queremos e devemos dominá-la tecnicamente, e se isso, em última instância, tem verdadeiramente um significado, elas o deixam inteiramente suspenso ou então o pressupõem para seus fins”.

Da mesma forma, as ciências históricas “nos ensinam a entender os fenômenos da civilização -

políticos, artísticos, literários ou sociais - nas condições de seu surgimento. Elas pressupõem que haja interesse em participar, através de tal procedimento, na comunidade dos ‘homens civis’. Mas elas não estão em condições de demonstrar ‘cientificamente’ que as coisas são assim, e o fato de elas o pressuporem não demonstra de modo nenhum que isso seja evidente. E, com efeito, não o é em absoluto”.

Essencialmente, a ciência pressupõe a escolha da razão científica. E essa escolha não pode ser justificada cientificamente. A afirmação de que “a verdade científica é um bem” não é uma afirmação científica.

Nem pode sê-lo, já que a ciência, embora pressupondo valores, não pode fundamentar os valores, e não pode igualmente rejeitá-los.

A fé como sacrifício do intelecto

Então, a qual dos valores em luta devemos servir? Bem, é preciso dizer, sentencia Weber, que a resposta a essa pergunta “cabe a um profeta ou a um redentor”. Mas, neste nosso mundo desencantado, não existe o invocado profeta ou redentor. E “Os falsos profetas das cátedras”, com seus sucedâneos, não bastam para cancelar o fato fundamental que o destino nos impõe de viver em época sem Deus e sem profetas. Para quem não está em condições de enfrentar virilmente esse destino da nossa época, Weber aconselha que volte em silêncio, sem a costumeira conversão publicitária, mas sim pura e simplesmente, aos braços das antigas igrejas, ampla e misericordiosamente abertas.

Elas não dificultam seu caminho. Em todo caso, é preciso realizar - é inevitável - o “sacrifício do intelecto”, de um modo ou de outro. Se ele for realmente capaz disso, não o censuraremos.

Em toda teologia “positiva”, o crente chega a um ponto em que é válida a máxima famosa: “Acredito porque é absurdo”.

Para Weber, aí está o “sacrifício do intelecto”: isso leva o discípulo ao profeta e o crente à igreja. E, sendo assim, Weber sustenta que “está claro que a tensão entre a esfera dos valores da ‘ciência’ e a esfera da salvação religiosa é incurável”.

Monopólio da força legítima

Para Weber, o Estado é a instituição social que dispõe do monopólio do emprego da força legítima sobre um determinado território.

A expressão “força legítima” pressupõe que o Estado tem o direito de recorrer à força sempre que isso seja necessário, e que esse direito é reconhecido pela sociedade sobre a qual esse Estado exerce seu poder. É

diferente, por exemplo, da violência utilizada por malfeitores, considerada ilegítima.

Nas democracias modernas, a lei confere ao Estado o direito de recorrer a várias formas de pressão, inclusive a violência, para que suas decisões sejam obedecidas.



O poder do Estado

Segundo ainda Max Weber, o termo poder, em sentido amplo, designa “a probabilidade de impor a própria vontade dentro de uma relação social, mesmo contra toda resistência”. Poder significa, assim, a probabilidade de alguém se fazer obedecer por outra pessoa.

Nas democracias representativas, o poder do Estado tem por base uma Constituição livremente elaborada e aprovada por uma assembleia de pessoas eleitas com essa finalidade, a Assembleia Constituinte.

Weber e Marx

Do materialismo histórico Weber rejeita o pressuposto marxista de uma direção determinada de condicionamento que vai da estrutura para a superestrutura e que tenha o caráter de interpretação geral da história.

E, contrariamente à posição marxista do inelutável condicionamento do momento econômico sobre qualquer outro estado pessoal ou social, material ou imaterial, Weber propõe, no escrito *A "objetividade" cognoscitiva da ciência social e da política social*, uma divisão dos fenômenos sociais com base em sua relação com a economia (para esse propósito fala-se de **fenômenos econômicos** verdadeiros e próprios, de **fenômenos economicamente importantes**, por exemplo, os processos da vida religiosa, e de fenômenos condicionados economicamente, como, por exemplo, os fenômenos artísticos).

Como bem se pode ver, Weber procura ampliar e desdogmatizar a posição marxista, mostrando sua unilateralidade intencional e dogmática.

Weber, portanto, aceita de bom grado uma explicação em termos econômicos da história. O que ele rejeita é a metafisicização e a dogmatização de tal perspectiva.

A propósito disso, escreve: “A concepção materialista da história do velho sentido genialmente primitivo, que se apresenta, por exemplo, no *Manifesto comunista*, hoje só sobrevive na cabeça de pessoas privadas de competência específica e de diletantes. Entre essa gente, ainda se pode encontrar de forma extensa o fato de que sua necessidade causal de explicação de um fenômeno histórico não encontra satisfação enquanto não se mostram (ou não aparecem) em jogo, de algum modo ou em algum lugar, causas econômicas. Todavia, precisamente nesses casos eles se contentam com hipóteses de malhas mais amplas e formulações mais gerais, enquanto sua necessidade dogmática é satisfeita ao considerar que as forças instintivas econômicas são as forças *próprias*, as únicas *verdadeiras* e, em última instância, as forças sempre decisivas”.

Para concluir, podemos dizer que Weber:

a) aceita a perspectiva marxista nos limites em que ela, vez por outra, é adotada como conjunto de hipóteses explicativas a serem comprovadas caso por caso;

b) rejeita a perspectiva marxista quando se transforma em dogma metafísico e, simultaneamente, apresenta-se como concepção científica do mundo;

c) não é intenção de Weber, como escreve em *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, a de “substituir” uma interpretação causal da civilização e da história, abstratamente materialista, por outra espiritualidade, igualmente abstrata: “Ambas são possíveis, mas ambas igualmente são de pouca serventia para a verdade histórica, caso se pretendam não uma preparação, mas uma conclusão da investigação”.

QUESTÕES

1. (UNICENTRO 2014) Max Weber interessa-se não tanto pelas funções sociais, pela análise das crenças ou pelas liturgias, mas sobretudo pelas práticas e atitudes globais diante do mundo, suscitadas pelas doutrinas religiosas.

Essa interrogação está diretamente ligada à maneira como as grandes religiões oferecem, com efeito, aos crentes, toda uma gama de compensações a fim de justificar as situações que ocorrem neste mundo. Essas compensações podem estar ligadas a promessas de transformação ulterior da sociedade (escatologias

messiânicas), de renascimento ou ainda de redenção no além (lógica da salvação). Historicamente, há duas grandes categorias de ‘caminhos de salvação’ opostas entre si: aquelas que são função da obra pessoal de cada indivíduo e aquelas que dependem de uma salvação exterior.

LALLEMENT, M. História das ideias religiosas. Das origens a Max Weber. Petrópolis: Vozes, 2000. p.309.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, assinale a alternativa que apresenta, corretamente, o que Weber pensa sobre a religião.

- A religião católica, desde o seu nascimento, foi muito importante, pois esteve presente em todos os aspectos da vida social dos seus fiéis e incentivou o progresso econômico como um dos elementos escatológicos.
- A religião protestante foi uma importante aliada para o desenvolvimento do capitalismo porque contribuiu para superar a ideia dicotômica entre a terra e o céu e, assim, riqueza passou a ser sinal da dádiva divina.
- O acúmulo de riqueza é prejudicial ao caminho ascético, pois está baseado na competição individual e deixa de lado um dos aspectos mais significativos da vida religiosa: a pobreza.
- O desenvolvimento econômico é importante, pois mostra o resultado da presença divina no mundo e auxilia o fiel a esquecer a preocupação com a salvação divina.
- Weber acredita ser necessária uma vida de profunda ascese, deixando de lado os aspectos mundanos que contribuem para desviar os fiéis da verdadeira salvação.

2. (UFU 2009) Ao fazer uso da sociologia de Max Weber, podemos afirmar que fenômenos sociais como, por exemplo, a moda, a formação do Estado ou o desenvolvimento da economia capitalista, podem ser compreendidos por meio do conceito de ação social.

Esta afirmação implica considerar que:

- estes fenômenos sociais são determinados pela estrutura econômica vigente em uma dada sociedade e condicionam as condutas e os interesses dos indivíduos.
- as estruturas sociais são constituídas a partir das ações dos indivíduos, os quais são livres para realizar escolhas e orientam suas condutas com referência à ação de outros indivíduos.
- os fenômenos sociais são constituídos como sistemas orgânicos, de modo que os indivíduos agem em cooperação com o todo, tendo em vista o bom funcionamento da sociedade.
- a conduta individual tem base exclusivamente racional e é orientada para o interesse de transformação social, com vistas ao progresso da sociedade e à autonomia do indivíduo.

3. (UFU 2010) Segundo Weber, o Estado contemporâneo é uma comunidade humana que, dentro

dos limites de um território, reivindica o monopólio do uso legítimo da força física.

Com base na afirmação acima, assinale a alternativa **INCORRETA**.

- O Estado consiste em uma relação de dominação entre os homens, sob a condição de que os dominados se submetem à autoridade continuamente reivindicada pelos dominadores.
- O Estado consiste em uma relação de dominação entre os homens, sob a condição de que os dominados se rebelam à autoridade continuamente reivindicada pelos dominadores.
- O Estado moderno exige uma dominação burocrático-racional, dada sua eficiência em relação às demais formas de dominação.
- O Estado moderno se desenvolve paralelamente ao desenvolvimento da empresa capitalista.

4. (UFU 2011) Na concepção de Weber, a política é uma atividade geral do ser humano. A atividade política se desenvolve no interior de um território delimitado e a autoridade política reivindica o direito de domínio, ou seja, o direito de poder usar a força para se fazer obedecer. Se há obediência às ordens, ocorre uma situação de dominação.

Sobre os tipos de dominação, assinale a alternativa correta.

- A dominação legal racional é a mais impessoal, pois se baseia na aplicação de regras gerais aos casos particulares.
- O patrimonialismo é o tipo mais característico de dominação legal racional.
- A forma mais típica de dominação tradicional é a burocracia.
- A dominação carismática constitui um tipo bastante comum de poderio, na medida em que se baseia na crença em qualidades pessoais corriqueiras.

5. (UFU 2011) Émile Durkheim e Max Weber são dois dos principais sociólogos presentes na formação e no estabelecimento da sociologia como conhecimento científico. O primeiro, pela construção do fato social como objeto central da sociologia, e o segundo, pela criação do tipo ideal como recurso para compreender as ações sociais, suas motivações e sentidos.

Assim, é correto afirmar que:

- o Fato Social tem sua principal caracterização na neutralidade axiológica.
- fato social e tipo ideal são conceitos fundamentais para a compreensão do método sociológico, respectivamente, em Durkheim e Weber.
- a sociologia como campo do conhecimento dentro das ciências sociais não requer método para sua produção de conhecimento.

D) Marx, em sintonia com Weber e Durkheim, considera que o valor do pesquisador faz parte do desenvolvimento da pesquisa, eliminando a possibilidade de metodologia para a pesquisa sociológica.

6. (UFU 2011) A questão do método nas ciências humanas (também denominadas ciências históricas, ciências sociais, ciências do espírito, ciências da cultura) foi objeto de intenso debate entre intelectuais alemães de diferentes áreas do saber no final de século XIX. O objeto do debate era a relação entre as ciências da natureza e as ciências humanas.

Sobre o pensamento de Max Weber (1864-1920) a respeito dessa relação, é correto afirmar que

A) todas as ciências (naturais ou humanas) são autônomas, em virtude de seus próprios pressupostos, e nenhuma serve de modelo para as outras.

B) Weber concordava com Augusto Comte, para quem as ciências sociais estariam subordinadas e dependeriam das ciências da natureza já existentes.

C) Weber discordava de Augusto Comte, para quem as ciências sociais seriam autônomas em relação às ciências naturais.

D) Weber não considerava relevante a questão do método nas ciências sociais.

7. (UFU 2011) Max Weber, em sua análise sobre a sociedade moderna, ressalta que os indivíduos estavam afastando-se das crenças tradicionais fundadas na superstição, na religião, no costume e em hábitos ancestrais. Para tanto, Weber utilizou o termo *desencantamento do mundo*.

Sobre esse termo, assinale a alternativa **INCORRETA**.

A) Refere-se ao fato de a sociedade moderna ser marcada pela racionalização de diversas áreas da vida, desde a política até a religião e a atividade econômica.

B) Implica a ideia de racionalidade, visto que os indivíduos estavam cada vez mais se pautando em avaliações racionais e instrumentais que levavam em consideração a eficiência e as consequências futuras.

C) É utilizado para descrever a maneira pela qual o pensamento científico no mundo moderno havia varrido as forças de sentimentalidade do passado.

D) Refere-se ao fato de as pessoas terem chegado a um momento histórico de profunda descrença, no qual todas as esperanças e fé no futuro chegaram ao fim.

8. (UFU 2012) Nas Ciências Sociais, particularmente na Ciência Política, definir o Estado sempre foi uma tarefa prioritária. As tentativas nesta direção fizeram com que vários intelectuais vissem o Estado de formas diferentes, com naturezas diferentes. Numa palestra intitulada *Política como vocação*, Max Weber nos adverte, por exemplo,

que o Estado pode ser entendido como uma relação de homens dominando homens. No trecho da canção d'O Rappa, *Tribunal de Rua*, dominação é o que se percebe, também, na relação entre cidadãos e policiais (braço armado do Estado).

A viatura foi chegando devagar

E de repente, de repente resolveu me parar

Um dos caras saiu de lá de dentro

Já dizendo, aí compadre, você perdeu

Se eu tiver que procurar você tá fodido

Acho melhor você ir deixando esse flagrante comigo [...].

O Rappa. **Lado A Lado B**. Warner, 1999.

A partir da perspectiva weberiana, relacionada ao trecho da canção acima, evidencia-se que a dominação do Estado

A) é exercida pela autoridade legal reconhecida, daí caracterizar-se fundamentalmente como dominação racional legal.

B) é estabelecida por meio da violência prioritariamente exercida contra grupos e classes excluídos social e economicamente.

C) ocorre a partir da imposição da razão de Estado, ainda que contra as vontades dos cidadãos que, normalmente, àquela resistem.

D) a exemplo da dominação de outras instituições, opera de forma genérica, exterior e coercitiva.

9. (UFU 2013) Ao contrário de outros pensadores sociológicos anteriores, Weber acreditava que a Sociologia deveria se concentrar na ação social e não nas estruturas

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 33.

De acordo com esta assertiva, Weber considera que

A) as ideias, os valores e as crenças têm o poder de ocasionar transformações.

B) o conflito de classes é o fator mais relevante para a mudança social.

C) as estruturas existem externamente ou independentemente dos indivíduos.

D) os fatores econômicos são os mais importantes para as transformações sociais.

10. (UFU 2013) Em artigo intitulado "Clientelismo ainda domina política no interior do Brasil", da BBC, de 27 de outubro de 2002, o jornalista Paulo Cabral desenha o painel de parte da política nacional. Ele destaca que, em comício de uma certa deputada, um grande churrasco foi oferecido para os eleitores de uma vila: "Sob um sol escaldante, um caminhão de som tocava o *jingle* — forró da candidata a todo o volume, a população sentia o cheiro

da carne sendo assada trancada dentro de uma casa. Comida, só quando chegasse a candidata”.

BBC. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/021027_seried_b.shtml>. Acesso: 11 mar. 2013.

A relação descrita entre os eleitores e a candidata aproxima-se, na matriz teórica weberiana, de um tipo puro de relação de dominação, uma vez que

A) inscreve-se como relação de poder em que a candidata aproveita-se de uma probabilidade de impor sua vontade, ainda que sem legitimidade.

B) estabelece-se, retirando das relações os elementos não racionais, isto é, em evidente processo de desencantamento do mundo.

C) sua natureza remonta uma tradição inimaginavelmente antiga e conduz ou orienta a ação habitual do eleitor para o conformismo.

D) expõe características típicas das formas carismáticas de dominação, demonstrada pelo dom da graça extraordinário e pessoal manifesto nas práticas clientelistas.

11. (UFU 2014) Weber procura analisar os fundamentos que tornam legítima a autoridade e as razões internas que justificam a dominação, que ele distingue conforme três tipos puros: a dominação tradicional, a dominação carismática e a dominação racional-legal.

Sobre as características da dominação racional-legal é **INCORRETO** afirmar que:

A) A obediência ao soberano não é entendida como uma obediência a sua pessoa, mas a uma ordem impessoal.

B) Existe uma separação entre o patrimônio público e o patrimônio privado, de modo que os funcionários não se apropriam dos cargos e estão sujeitos à prestação de contas.

C) O soberano exerce o mandato segundo seu arbítrio, mas está subordinado a leis conforme as quais pauta os seus atos.

D) Exige-se dos funcionários um saber profissional, e o recrutamento desses funcionários é realizado de modo competitivo, tendo-se em vista o mérito e a capacidade dos candidatos.

12. (UNICENTRO 2012) Do ponto de vista do agente, o motivo é o fundamento da ação; para o sociólogo, cuja tarefa é compreender essa ação, a reconstrução do motivo é fundamental, porque, da sua perspectiva, ele figura como a causa da ação. Numerosas distinções podem ser estabelecidas e Weber realmente o faz. No entanto, apenas interessa assinalar que, quando se fala de sentido na sua acepção mais importante para a análise, não se está cogitando da gênese da ação, mas sim daquilo para o que

ela aponta, para o objetivo visado nela; para o seu fim, em suma.

COHN, 1979, p. 27.

A categoria weberiana que melhor explica o texto em evidência está explicitada em

A) A ação social possui um sentido que orienta a conduta dos atores sociais.

B) A luta de classes tem sentido porque é o que move a história dos homens.

C) Os fatos sociais não são coisas, e sim acontecimentos que precisam ser analisados.

D) O tipo ideal é uma construção teórica abstrata que permite a análise de casos particulares.

E) O sociólogo deve investigar o sentido das ações que não são orientadas pelas ações de outros.

13. (UNICENTRO 2013) Para a teoria Weberiana, a pesquisa histórica é

A) essencial para a compreensão das sociedades. Essa pesquisa, baseada na coleta de documentos e no esforço interpretativo das fontes, permite o entendimento das diferenças sociais, que seriam, para Weber, de gênese e formação, e não de estágios de evolução.

B) um processo universal de evolução da humanidade, cujos estágios o cientista pode perceber pelo método comparativo, capaz de aproximar sociedades humanas de todos os tempos e lugares.

C) uma forma de pensar a sociedade como um todo, em que se torna insignificante as particularidades históricas, e as individualidades são dissolvidas em meio às forças sociais impostas.

D) desnecessária, posto que cabe à sociologia estudar o presente de cada sociedade e não seu passado.

E) segundo Weber, o caráter particular e específico de cada formação social e histórica não precisa ser analisado como único, mas entendido de maneira universal.

14. (UNICENTRO 2015) A teoria social contemporânea tem como um de seus principais teóricos o cientista social alemão Max Weber e seus estudos sobre a moderna sociedade capitalista ocidental.

Com base nas análises sociológicas weberianas sobre as ações sociais, assinale a alternativa correta.

a) Busca compreender, pela interpretação, os sentidos atribuídos pelos indivíduos às ações sociais.

b) Consegue explicar a totalidade das ações sociais por meio de verdades científicas.

c) Determina o caráter imperativo da esfera econômica sobre as ações sociais dos diferentes grupos.

d) Enfatiza o estudo das contradições das ações sociais a partir das vontades das classes sociais.

e) Procura definir a existência de uma lei histórica geral de desenvolvimento das ações sociais.

15. (UEM 2014) Considerado como um autor clássico nas Ciências Sociais, Max Weber desenvolveu uma vasta obra que influenciou fortemente o desenvolvimento do pensamento sociológico no século XX. Sobre as ideias desse autor, assinale o que for correto.

01) Segundo Weber, a Sociologia é uma disciplina interessada nas estruturas sociais e não nas ações práticas dos indivíduos.

02) Para Weber, a Sociologia é uma ciência voltada para a compreensão interpretativa da ação social.

04) Conforme Weber, a ciência não é capaz de ensinar alguém sobre aquilo que deve fazer, apenas pode indicar o que pode ser feito.

08) Os processos de dominação, em Weber, envolvem a capacidade de certos agentes em obterem a obediência de outros.

16) Conforme Weber, os principais motivos que levam as pessoas a agirem nas sociedades modernas são o lucro econômico e o acúmulo de capital.

16. (UEM 2014) Considerando as contribuições de Max Weber ao pensamento sociológico, assinale o que for correto:

01) Ao estudar o protestantismo nos Estados Unidos, Weber observou o desenvolvimento de uma forma ideal de sociedade que soube valorizar o trabalho e criar um país perfeito para se viver.

02) Segundo Weber, o papel da Sociologia não é o de compreender e explicar a ação social, mas o de interferir politicamente na sociedade para reduzir a violência e a pobreza.

04) A Sociologia de Weber procura incluir o papel do indivíduo e a importância da ação social na compreensão da sociedade.

08) Conforme Weber, as sociedades modernas vivenciaram processos de desencantamento e processos de racionalização do mundo, que modificaram a organização das relações de poder.

16) Para Weber, o fim da religiosidade nas sociedades modernas é o resultado da degeneração moral das pessoas, que só pensam no lucro e deixam de se preocupar com causas sociais.

17. (UEL 2007) Max Weber, teórico cujos conhecimentos continuam básicos para a Sociologia, procurou não apenas conhecer a sociedade moderna, mas explicar sua estrutura de dominação política e econômica e suas disparidades.

Com base no enunciado e nos conhecimentos sobre o autor, assinale a alternativa correta:

a) Para Weber, os interesses coletivos estão acima dos interesses particulares, portanto, é possível transformar a realidade social por meio da acentuada divisão social do

trabalho, já que esta produz a solidariedade orgânica e ainda possui o Direito Penal que, com suas sanções repressivas, pode normalizar a sociedade nos momentos de crise.

b) De acordo com o autor, a divisão do trabalho capitalista expressa modos de segmentação da sociedade que levam os indivíduos a ocuparem posições desiguais, gerando antagonismos de classes. Assim, a classe explorada, que no capitalismo é a classe operária, seria a única capaz de realizar a mudança da sociedade capitalista para uma sociedade menos desigual.

c) Weber considera que somente a renda e a posse geram desigualdades. Assim, a possibilidade do desenvolvimento de uma sociedade mais justa é utópica, pois as vantagens materiais derivam dos próprios méritos dos indivíduos, que já nascem desiguais em relação aos dons naturais, inteligência, gosto e coragem, entre outros.

d) O autor, numa perspectiva simbólica, procura explicar a sociedade capitalista e a sua possibilidade de transformação. Considera que é necessário analisar a sociedade microssociologicamente, pois, como só alguns grupos possuem capital simbólico e econômico de maior significância na hierarquia social, reproduzem a cultura, a ideologia, organizando o sistema simbólico segundo a lógica da diferença.

e) Segundo Weber, as classes, os estamentos e os partidos são fenômenos de distribuição de poder dentro de uma comunidade, que se legitimam e se definem pelos valores sociais convencionalmente estabelecidos em dada sociedade.

18. (UEL 2007) Para a teoria sociológica de Max Weber, em toda sociedade há dominação, que é entendida como uma “[...] probabilidade de haver obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de um determinado grupo de pessoas [...]”.

Fonte: WEBER, M. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. **Economia e Sociedade**, Brasília: Ed. UnB, 1991, p. 139.

De acordo com a teoria sociológica do autor, é correto afirmar que os três tipos puros de dominação legítima são:

a) Racional, tradicional e carismática.

b) Econômica, social e política.

c) Feudal, capitalista e comunista.

d) Monárquica, absolutista e republicana.

e) Socialista, neoliberal, social-democrata.

19. (UEL 2008) De acordo com Max Weber, a Sociologia significa: “uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la casualmente em seu curso e em seus efeitos.”

Por ação social entende-se as ações que: “quanto ao seu sentido visado pelo agente, se refere ao comportamento dos outros, orientando-se por este em seu curso.”

(WEBER, M. *Economia e sociedade*. traduzido por Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. vol. I. Brasília: Editora UnB, 2000. p. 3)

Com base no texto, considere as afirmativas a seguir:

I. “Mesmo entre gente humilde, porém, funcionava o sistema de obrigações recíprocas. O nonagenário Nhô Samuel lembrava com saudade o dia em que o pai, sitiante perto de Tatuí, lhe disse que era tempo de irem buscar a novilha dada pelo padrinho... Diz que era costume, se o pai morria, o padrinho ajudar a comadre até ‘arranjar a vida’. Hoje, diz Nhô Roque, a gente paga o batismo e, quando o afilhado cresce, nem vem dar *louvado* (pedir a benção).”

(CANDIDO, A. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982. p. 247.)

II. “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.”

(CUNHA, E. *Os Sertões*. São Paulo : Círculo do Livro, 1989. p. 95.)

III. “Não há assim por que considerar que as formas anacrônicas e remanescentes do escravismo, ainda presentes nas relações de trabalho rural brasileiro, [...], dando com isso origem a relações semifeudais que implicariam uma situação de ‘latifúndios de tipo senhorial a explorarem camponeses ainda envolvidos em restrições da servidão da gleba’. Isso tudo não tem sentido na estrutura social brasileira.”

(PRADO Jr., C. *A Revolução Brasileira*. São Paulo : Brasiliense, 1987. p. 106.)

IV. “O coronel, antes de ser um líder político, é um líder econômico, não necessariamente, como se diz sempre, o fazendeiro que manda nos seus agregados, empregados ou dependentes. O vínculo não obedece a linhas tão simples, que se traduziriam no mero prolongamento do poder privado na ordem na ordem pública [...] Ocorre que o coronel não manda porque tem riqueza, mas manda porque se lhe reconhece esse poder, num pacto não escrito.”

(FAORO, R. *Os donos do poder*. v. 2. Porto Alegre: Editora Globo, 1973. p. 622.)

Correspondem ao conceito de ação social citado anteriormente somente as afirmativas

- I e IV.
- II e III.
- II e IV.
- I, II e III.
- II, III e IV.

20. (UEL 2008) Max Weber, sociólogo alemão, conceituou três tipos ideais de dominação: dominação legal, dominação tradicional e dominação carismática. São tipos ideais porque são construções conceituais que o investigador utiliza para fazer aproximações entre a teoria e o mundo empírico.

Leia a seguir o trecho da Carta Testamento de Getúlio Vargas:

Sigo o destino que é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo.

(VARGAS, G. *Carta Testamento*. Disponível em:

http://www.cpdoc.fgv.br/dhbd/verbetes_htm/5458_53.asp

Acesso em: 17 nov. 2007.)

Com base nos conhecimentos sobre os tipos ideais de dominação e levando em consideração o texto citado e as características históricas e políticas do período, assinale a única alternativa que apresenta a configuração correta do tipo de dominação exercida por Getúlio Vargas.

- Dominação carismática e tradicional.
- Dominação tradicional que se opõe à dominação carismática.
- Dominação tradicional e legal.
- Dominação legal e carismática.
- Dominação legal que reforça a dominação tradicional.

21. (UEL 2011) Sobre este conceito utilizado por Max Weber, considere as afirmativas a seguir.

I. A ação social foca o agente individual, pois este é o único capaz de agir e de atribuir sentido à sua ação.

II. Interpretar a reciprocidade entre as ações sociais possibilita ao cientista social a compreensão sobre as regularidades nas relações sociais.

III. A imitação e as ações condicionadas pelas massas são exemplos típicos de ação social, pois são motivadas pela consciência racional da importância de viver em sociedade.

IV. O que permite compreender o agir humano enquanto ação social é o fato de ele possuir um sentido único e objetivo para todos os agentes envolvidos.

Assinale a alternativa correta.

- Somente as afirmativas I e II são corretas.
- Somente as afirmativas II e IV são corretas.
- Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- Somente as afirmativas I, III e IV são corretas.

22. (UNICENTRO 2013) A obra: “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo é um dos trabalhos mais

conhecido do sociólogo alemão Max Weber. Nesse livro, o autor relaciona o papel do protestantismo na formação do comportamento típico do capitalismo ocidental moderno. Sobre os principais aspectos de análise dessa obra, é possível afirmar que, EXCETO

A) a relação entre a religião e a sociedade não se dá por meios institucionais, mas por intermédio de valores introjetados nos indivíduos e transformados em motivos da ação social. A motivação do protestante, segundo Weber, é o trabalho, enquanto dever e devoção, como fim absoluto em si mesmo, e não o ganho material obtido por meio dele.

B) o motivo que mobiliza os indivíduos é consciente. Entretanto, os atos individuais vão além das metas propostas e aceitas por eles. Buscando sair-se bem na profissão, mostrando sua própria virtude e vocação e renunciando aos prazeres materiais, o protestante puritano se adapta facilmente ao mercado de trabalho, acumula capital e reinveste produtivamente.

C) Weber analisa os valores do catolicismo e do protestantismo, mostrando que os últimos revelam a tendência ao racionalismo econômico, base da ação capitalista.

D) Weber descobre que os valores do protestantismo como disciplina ascética, a poupança, a austeridade, a vocação, o dever e a propensão ao trabalho atuavam de maneira decisiva sobre os indivíduos.

E) Weber parte de dados estatísticos que lhe mostraram a proeminência de adeptos da Reforma Protestante entre grandes homens de negócio, empresários bem-sucedidos e de mão-de-obra qualificada. Entretanto, não procura estabelecer conexões entre a doutrina e a pregação protestante, muito menos seus efeitos no comportamento dos indivíduos e sobre o desenvolvimento capitalista.

23. (UNICENTRO 2013) Segundo, Max Weber, entende-se Ação Social como

A) o conjunto das crenças e dos sentimentos comum à média dos membros de uma mesma sociedade que forma um sistema determinado com vida própria.

B) a conduta humana dotada de sentido, isto é, de uma justificativa subjetivamente elaborada.

C) um instrumento de análise científica, numa construção do pensamento que permite conceituar fenômenos e formações sociais e identificar na realidade observada suas manifestações.

D) a proposta de transformar radicalmente a sociedade, implantando uma ordem social mais justa e igualitária, da qual seriam eliminados o individualismo, a competição e a propriedade privada.

E) o objeto da Sociologia. A ação Social é experimentada pelo indivíduo como uma realidade independente e pré-existente.

24. (UEL 2009) Observe a figura a seguir.



HODGE, N.; ANSON, L. L'Art de A à Z. Dubai: PML Editions, 1996. p. 218.

Sobre o processo de organização do trabalho representado na figura, é correto afirmar que esse expressa, segundo a forma pela qual Max Weber o analisa,

a) o papel libertador da técnica na vida dos indivíduos, pois potencializa as capacidades físico-intelectuais humanas.

b) o tipo ideal de sociedade, pois esta, por ser justa, aloca cada um nas funções para as quais tem aptidões inatas.

c) o declínio das formas racionais de dominação burocrática que, tradicionalmente, estiveram presentes nas sociedades orientais.

d) a formação de uma ordem econômica e técnica que define violentamente a vida dos indivíduos nascidos sob esse sistema.

e) que o trabalho fabril escapa à tipologia das ações racionais, por ser repetitivo e marcado pela tradição, aproximando-se, assim, do trabalho outrora existente nas comunidades.

25. (UNICENTRO 2013) Segundo Max Weber, é função da Sociologia

A) investigar a ação social e ressaltar os elementos mais gerais de cada fase do processo histórico daquela sociedade.

B) explicar a sociedade, encontrar soluções coletivas e objetivas para a vida social comparando as sociedades.

C) compreender o coletivo, independente do que os sujeitos pensam e deve ser entendida como uma “coisa”.

D) entender de que maneira se consolida a subordinação do indivíduo em relação à sociedade e suas determinações.

E) compreender a divisão clássica entre proletariado e burguesia.

26. (UNICENTRO 2011) Os sociólogos Karl Marx e Marx Weber se detiveram na análise da modernidade europeia, embora com métodos diferentes.

Assinale como verdadeira a afirmativa que corresponde às análises de Max Weber sobre a sociedade.

A) A vida moderna estimula a formação de um indivíduo calculista, racional e impessoal, refletindo a tendência da exploração dos trabalhadores e da transformação do trabalho em mercadoria.

B) A dimensão cultural é fundamental para compreender a modernidade, pois o capital e seu acúmulo são tidos como um dever moral que deve ser perseguido de forma racional e disciplinada.

C) A divisão social é um fenômeno da modernidade e sua função moral é integrar funções diferentes e complementares que, de outra forma, causariam a perda dos laços comunitários.

D) A ação social, na sociedade moderna, é motivada apenas por interesses econômicos, porque os meios para produzir estão concentrados nas mãos de apenas uma classe social.

E) A expansão da produção capitalista teve como base a separação entre trabalhadores e os meios de produção, assim como a disseminação da propriedade privada.

QUESTÕES ENEM

1. (2015) A crescente intelectualização e racionalização não indicam um conhecimento maior e geral das condições sob as quais vivemos. Significa a crença em que, se quiséssemos, poderíamos ter esse conhecimento a qualquer momento. Não há forças misteriosas incalculáveis; podemos dominar todas as coisas pelo cálculo.

WEBER, M. A ciência como vocação. In: GERTH, H.; MILLS, W. (Org.). Max Weber: ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1979 (adaptado).

Tal como apresentada no texto, a proposição de Max Weber a respeito do processo de desencantamento do mundo evidencia o(a)

- progresso civilizatório como decorrência da expansão do industrialismo
- extinção do pensamento mítico como um desdobramento do capitalismo
- emancipação como consequência do processo de racionalização da vida.
- afastamento de crenças tradicionais como uma característica da modernidade.

e) fim do monoteísmo como condição para a consolidação da ciência

2. (2015) O impulso para o ganho, a perseguição do lucro, do dinheiro, da maior quantidade possível de dinheiro não tem, em si mesma, nada que ver com o capitalismo. Tal impulso existe e sempre existiu. Pode-se dizer que tem sido comum a toda sorte e condição humanas em todos os tempos e em todos os países, sempre que se tenha apresentada a possibilidade objetiva para tanto. O capitalismo, porém, identifica-se com a busca do lucro, do lucro sempre renovado por meio da empresa permanente, capitalista e racional. Pois assim deve ser: numa ordem completamente capitalista da sociedade, uma empresa individual que não tirasse vantagem das oportunidades de obter lucros estaria condenada à extinção.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2001 (adaptado).

O capitalismo moderno, segundo Max Weber, apresenta como característica fundamental a

- competitividade decorrente da acumulação de capital.
- implementação da flexibilidade produtiva e comercial.
- ação calculada e planejada para obter rentabilidade.
- socialização das condições de produção.
- mercantilização da força de trabalho.

3. (2016) A sociologia ainda não ultrapassou a era das construções e das sínteses filosóficas. Em vez de assumir a tarefa de lançar luz sobre uma parcela restrita do campo social, ela prefere buscar as brilhantes generalidades em que todas as questões são levantadas sem que nenhuma seja expressamente tratada. Não é com exames sumários e por meio de instituições rápidas que se pode chegar a descobrir a leis de uma realidade tão complexa. Sobretudo, generalizações às vezes tão amplas e tão apressadas não são suscetíveis de nenhum tipo de prova.

DURKHEIM, E. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

O texto expressa o esforço de Émile Durkheim em construir uma sociologia com base na

- vinculação com a filosofia como saber unificado.
- reunião de percepções intuitivas para demonstração.
- formulação de hipóteses subjetivas sobre a vida social.
- adesão aos padrões de investigação típicos das ciências naturais.
- incorporação de um conhecimento alimentado pelo engajamento político.

GABARITO**QUESTÕES DURKHEIM**

1. b
2. c
3. a
4. c
5. a
6. d
7. a
8. b
9. b
10. a
11. b
12. b
13. a
14. a
15. b
16. b
17. 01/02/04
18. 01/02/08/16
19. 02/04/16
20. 04/08
21. 02/04/08
22. e
23. b
24. c
25. c

QUESTÕES WEBER

1. b
2. b
3. b
4. a
5. b
6. a

7. d
8. a
9. a
10. c
11. c
12. a
13. a
14. a
15. 02/04/08
16. 04/08
17. c
18. a
19. a
20. d
21. a
22. e
23. d
24. b
25. a
26. b

QUESTÕES ENEM

1. d
2. c
3. d